



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

AMANDA DINIZ MESQUITA

**MÃE MARIA: TRAJETÓRIA DE UMA MÃE DE SANTO UMBANDISTA EM
CATALÃO-GO, NA VIRADA DO SÉCULO XXI**

**CATALÃO (GO)
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA)

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E
DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCAT) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCAT), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCAT é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação ou Tese? **Dissertação (Trabalho de Conclusão de Mestrado - Relatório com Produto)**

2. Nome completo do autor: **Amanda Diniz Mesquita**

Nome completo do(a) orientador(a): **Radamés Vieira Nunes**

3. Título do trabalho

Título:

**MÃE MARIA: Trajetória de uma mãe de santo umbandista em Catalão-GO, na
virada do século XXI**

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento: [X] SIM [] NÃO¹

[¹] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a

possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs.: Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor



Documento assinado eletronicamente por **AMANDA DINIZ MESQUITA, Usuário Externo**, em 11/07/2025, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **RADAMES VIEIRA NUNES, Orientador(a)**, em 11/07/2025, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0214757** e o código CRC **4D622333**.

AMANDA DINIZ MESQUITA

**MÃE MARIA: TRAJETÓRIA DE UMA MÃE DE SANTO UMBANDISTA EM
CATALÃO-GO, NA VIRADA DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de História e Ciências Sociais, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito para obtenção do título de Mestra em História.
Área de Concentração: História, Cultura e Formação de Professoras/es. **Linha de Pesquisa:** Cultura, linguagens e ensino de história.

Orientadora: Professor Doutor Radamés Vieira Nunes.

**CATALÃO (GO)
2025**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Mesquita, Amanda Diniz
Mãe Maria : trajetória de uma mãe de santo umbandista em
Catalão-GO, na virada do século XXI / Amanda Diniz Mesquita. - 2025.
80 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Radamés Vieira Nunes.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto
de História e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em História,
Catalão, 2025.
Bibliografia.
Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Cultura afro-brasileira. 2. Documentário. 3. Umbanda. 4. Ensino
de história. 5. História local. I. Nunes, Radamés Vieira, orient. II. Título.

CDU 299.8(817.35):37

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ATA Nº 161 DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM HISTÓRIA, A QUE SE SUBMETEU A ALUNA AMANDA DINIZ MESQUITA, ORIENTADA PELO PROF. DR. RADAMÉS VIEIRA NUNES.

Ata nº 161 da sessão de Defesa de Dissertação realizada aos **vinte e oito dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e cinco**, às **14h**, quando reuniu-se de forma remota pelo Google Meet, a Comissão Examinadora da defesa indicada pela Comissão de Pós-Graduação da Universidade Federal de Catalão, composta pelos: Presidente e Orientador **Prof. Dr. Radamés Vieira Nunes**, outros membros **Professor Doutor Cairo Mohamad Ibrahim Katrib (UFU)** - membro titular externo e o **Professor Doutor Ismar da Silva Costa - (PPGHMP/INHCS/UFCAT)**, membro titular interno, para analisar o trabalho da candidata Amanda Diniz Mesquita, apresentado sob o título **MÃE MARIA: Trajetória de uma mãe de santo umbandista em Catalão, na virada do século XX**. O Presidente declarou abertos os trabalhos, a seguir a candidata dissertou sobre o seu trabalho e foi arguida pela Comissão Examinadora. Durante a arguição os membros da banca fizeram a sugestão de alteração do título do trabalho para **MÃE MARIA: Trajetória de uma mãe de santo umbandista em Catalão-GO, na virada do século XXI**, de forma a estabelecer melhor vínculo com o conteúdo.

Terminada a exposição e a arguição, a Comissão reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento do Trabalho de Conclusão de Mestrado e deliberou pelo seguinte resultado:

☒ **APROVADA** ☐ **APROVADA CONDICIONALMENTE** ao atendimento das alterações sugeridas pela Comissão Examinadora especificadas no parecer anexo).

☐ **REPROVADA** (anexar parecer circunstanciado elaborado pela Comissão Examinadora).

Proclamados os resultados aos presentes pelo Professor Dr. Radamés Vieira Nunes, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente Ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, devendo a Mestranda observar as recomendações explicitadas pela Banca Examinadora no Exame e cumprir os prazos e tramites formais do Programa e UFCAT para o depósito da Versão Final do Trabalho de Conclusão de Mestrado e os demais encaminhamentos formais devidos.



Documento assinado eletronicamente por **Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, Usuário Externo**, em 11/07/2025, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **RADAMES VIEIRA NUNES, Orientador(a)**, em 11/07/2025, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ISMAR DA SILVA COSTA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 14/07/2025, às 15:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0214764** e o código CRC **7CC70410**.

Referência: Processo nº 23852.001528/2025-37

SEI nº 0214764

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade de estar concluindo esta etapa tão importante da minha jornada. Agradeço a Exu, que abriu meus caminhos e me guiou ao longo deste processo. À minha família, meu marido e meu filho, por serem meus companheiros, meu suporte, e por me cuidarem com tanto amor. Ao meu orientador, que me acompanhou com paciência e dedicação, proporcionando o desenvolvimento desta pesquisa. À Dona Maria Helena, Vó Maria Conga e ao terreiro que me acolheram e permitiram que minha pesquisa fosse possível. Ao Erick, que me socorreu sempre que precisei e me ajudou nas edições audiovisuais com tanto carinho e atenção. Ao universo, aos ancestrais e a todos que conspiraram para que este trabalho fosse possível, o meu mais profundo agradecimento. Axé!

RESUMO

O presente trabalho aborda a história de uma mãe de santo da cidade de Catalão (Goiás), por meio de suas memórias, que permitem explorar sua trajetória na Umbanda. A partir de sua vivência, pode-se compreender as especificidades da religião e refletir sobre a importância de abordar a diversidade religiosa no Ensino de História. A proposta oferece, a partir da pesquisa bibliográfica e documental e do método etnográfico, um documentário sobre a trajetória religiosa da mãe de santo Mãe Maria, como instrumento didático para se trabalhar a história da umbanda e sincretismo religioso no Brasil, nas aulas de história da Educação Básica, especialmente no Ensino Médio. O documentário desenvolvido configura-se principalmente como uma ferramenta pedagógica voltada para comunidade escolar, permitindo, sob a perspectiva da história local, problematizar as vivências e experiências dos discentes em relação às lideranças religiosas umbandistas e ao sincretismo religioso presente no contexto da cidade de Catalão-GO. Essa cidade destaca-se pela crescente abertura de instituições religiosas de matriz africana, além de ser palco das congadas, uma das mais destacáveis festa de negros do estado de Goiás. Tal cenário favorece a pesquisa e o aprofundamento no conhecimento da cultura afro-brasileira a partir das religiões, possibilitando que os docentes ampliem o trabalho em sala de aula sobre a temática, em consonância com as diretrizes da Lei 10.639/2003. A iniciativa busca contribuir para a superação dos desafios de abordar essa temática sensível em escolas de uma cidade do interior de Goiás, caracterizada pelo conservadorismo das famílias tradicionais que lideram os movimentos religiosos locais.

Palavras-chave: Umbanda; História Local; Documentário; Cultura Afro-Brasileira; Ensino de História.

ABSTRACT

This paper addresses the story of a mother of saints from the city of Catalão (Goiás), through her memories, which allow us to explore her trajectory in Umbanda. From her experience, it is possible to understand the specificities of this religion and reflect on the importance of addressing religious diversity in History Teaching. The proposal consists of, based on bibliographic and documentary research and the ethnographic method, offering a documentary about the religious trajectory of the mother of saint Mãe Maria, as a didactic instrument to work on the history of Umbanda and religious syncretism in Brazil, in history classes in Basic Education, especially High School. The developed documentary is configured as a pedagogical tool aimed at teachers, allowing, from the perspective of local history, to problematize the experiences of students in relation to Umbanda religious leaders and the religious syncretism present in the context of the city of Catalão-GO. This city stands out for the growing number of religious institutions of African origin, in addition to holding one of the most notable black festivals in the state of Goiás. This scenario favors research and deepening knowledge of Afro-Brazilian culture, allowing teachers to expand their work on the subject in the classroom, in accordance with the guidelines of Law 10.639/2003. The initiative seeks to contribute to overcoming the challenges of addressing this subject in schools in a city in the interior of Goiás, characterized by the conservatism of traditional families who lead local religious movements.

Keywords: Umbanda; Local History; Documentary; Afro-Brazilian Culture; History Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Congá do Terreiro de Umbanda “Vovó Maria Conga e Caboblo Sete Flechas”....	25
Figura 2 - Primeiro endereço da instituição religiosa de D. Maria Helena e sua residência na Vila Liberdade, Catalão GO	45
Figura 3 - Atual endereço de funcionamento da instituição religiosa de D. Maria Helena e sua residência. Avenida José Marcelino, Setor Bela Vista, Catalão GO.....	46
Figura 4 - Congá do Centro Espírita Vovó Maria Conga.....	47
Figura 5 - Lateral esquerda do Congá do Centro Espírita Vovó Maria Conga onde, durante as sessões, permanece a mãe de santo.	49
Figura 6 - Lateral direita do Congá do Centro Espírita Vovó Maria Conga e fonte de Iemanjá.	50
Figura 7 - Espaço reservado a fiéis e filhos do orixá “Xangô” para que possam acender velas - Centro Espírita Vovó Maria Conga.....	51
Figura 8 - Evangelho Segundo o Espiritismo (KARDEC, 1864).....	52
Figura 9 - Espaço reservado a imagens de orixás, santos e alvarás do Centro Espírita Vovó Maria Conga.	53
Figura 10 - Espaço reservado a objetos sagrados e bancos usados durante as sessões do Centro Espírita Vovó Maria Conga.....	54
Figura 11 - Sala destinada aos médiuns antes da abertura das sessões para que possam se organizarem.	55
Figura 12 - Ponto riscado do orixá patrono da casa, Ogum. Juntamente com objetos sagrados exigidos pela liderança espiritual como espadas de metais, rochas, areia, planta Espada de São Jorge e quartinhas de barro e cerâmica com água.	56
Figura 13 - Sala e ponto riscado do Exu liderança da instituição, Sr. Tranca Rua das Sete Encruzilhadas.	57
Figura 14 - Folder pedagógico para o documentário.....	73
Figura 15 - Glossário pedagógico para o documentário.....	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	JUSTIFICATIVA TEÓRICA METODOLÓGICA.....	23
3	ETAPAS DE ELABORAÇÃO	35
4	DESENVOLVIMENTO	45
5	PROPOSTA PEDAGÓGICA	70
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE MESTRADO

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se à produção de um vídeo documentário sobre a trajetória religiosa de Mãe Maria, uma mãe de santo do Terreiro de Umbanda *Vovó Maria Conga e Caboclo Sete Flechas*, localizado em Catalão-GO. A proposta visa oferecer um material didático para a educação básica, com o objetivo de promover reflexões sobre cultura e diversidade religiosa, abordando as especificidades da Umbanda e sua relevância histórica e cultural no contexto local.

A ideia de se construir um documentário, acompanhado de plano de aula como sugestão de aplicação, sobre a vida religiosa de uma Mãe de Santo, abordando sua trajetória na Umbanda numa cidade do interior de Goiás, nasceu por minha vivência dentro do próprio terreiro. Ou seja, através da minha pertença enquanto filha da casa e pesquisadora da religião há cerca de 7 anos aproximadamente. Durante minha trajetória acadêmica, sempre me interessei pelos assuntos que envolviam religião, cultura, rituais, mitos, e tudo aquilo que o homem busca para ressignificação da vida.

Durante minha trajetória acadêmica, dediquei a graduação ao estudo do Kardecismo, com ênfase em suas estratégias de legitimação e na busca por uma identidade coesa enquanto movimento religioso. Essa pesquisa trouxe aspectos que vão além das instituições do espiritismo, especialmente no Brasil, onde é possível perceber conexões entre suas práticas e discursos com as tradições afro-brasileiras.

Acreditar que uma linha complementa a outra é no mínimo ousado já que as duas possuem características marcantes e distintas. O Kardecismo foi aceito antes, registrado, e adquiriu um numeroso público. Suas escritas são de um grau de intelectualidade alto e possuem também dois livros sagrados, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos de Allan Kardec*, codificador do espiritismo. A Umbanda, discriminada desde seu surgimento, principalmente por kardecistas, criou um bloqueio para proteger sua identidade. Mas, atualmente, em um contexto pós-moderno, fala-se em união para a criação de uma nação espiritual evoluída, forte e atuante. Enquanto o Kardecismo traz uma parte mais refinada do espiritismo como o estudo, os livros, as palestras e as evangelizações de jovens e crianças. A Umbanda atua na “abertura” de caminhos, desobsessões, descarrego ou impasses amorosos (Mesquita, 2018, p.24).

Essas reflexões despertaram inquietações que agora se transformaram em pesquisa no mestrado, na qual acompanhando a trajetória de uma líder religiosa, D. Maria Helena,

umbandista, que transita entre diferentes tradições religiosas usando elementos de cada uma delas para construir uma imagem que seja aceita socialmente, procuro compreender de forma mais aprofundada as tensões e os diálogos entre o espiritismo codificado por Allan Kardec e o chamado "espiritismo difuso", ou seja, aquele presente nas práticas religiosas afro-brasileiras. Esse conflito de tradições aponta para uma complexa disputa simbólica e cultural em torno da identidade e da legitimidade do espiritismo no Brasil.

Ao investigar diferentes contextos e interpretações, percebo como a afirmação identitária foi uma das maiores preocupações do espiritismo de vertentes africanas. No entanto, o surgimento e a incorporação de elementos espíritas e católicos em outros sistemas religiosos desafiaram os limites de sua definição, evidenciando a pluralidade e a riqueza das interações religiosas no país. É fundamental discutir essas questões na universidade e escola, pois elas não apenas ampliam a compreensão sobre o espiritismo, mas também reforçam a importância de abordar temas como sincretismo, poder simbólico, conflitos e construção de identidades religiosas. Mais ainda criar condições e materiais, através da cultura local, para serem explorados e trabalhados em salas de aulas do Ensino Médio, promovendo uma reflexão crítica e contribuindo para a formação de uma sociedade mais plural e respeitosa em relação às diversas expressões de fé.

Na graduação minha pesquisa foi construída, através de um trabalho etnográfico, sobre um terreiro de Umbanda, chamado *Casa Espírita Pai Jacó*, abordando seus rituais, as redes de parentesco e os conflitos gerados dentro daquela instituição. A pesquisa discorre também sobre novos tipos de sessões que estavam acontecendo em alguns terreiros de Umbanda, em 2017, evidenciando traços de sincretismo com o Kardecismo. Apesar de serem doutrinas distintas, ambas começaram a se relacionar abertamente ao público, segundo os frequentadores do terreiro, com o propósito de estimular um nível mais avançado de fraternidade e caridade, que são os sentimentos impulsivos do espiritismo de forma geral (Mesquita, 2017).

Durante esse percurso de estudos foram registrados rituais que constroem a cultura religiosa da Umbanda, como redes de conexões no contexto em que estão inseridos. A Umbanda não segue um livro sagrado ou regulamentos comuns, os rituais podem mudar de acordo com os segmentos de cada terreiro. Outro fato importante que foi observado, foram as redes de parentesco existentes no terreiro, comumente, os médiuns que se desenvolvem na Umbanda tendiam a chegar no terreiro acompanhados de sua família. Parte da família se envolvia nos trabalhos, o que de certa forma ajudava o pai de santo a controlar as faltas dos integrantes. A pesquisa concluiu que o médium que se desenvolve sozinho pode ter mais dificuldades em aparecer em todos os trabalhos do que aquele que conta com o apoio familiar. Porém, as redes

de parentesco geram conflitos dentro de qualquer espaço e no terreiro não seria diferente, porém os conflitos são classificados e/ou explicados como um desentendimento que está no plano místico ou vindos de outras vidas (Mesquita, 2017).

No trabalho de pesquisa da graduação, foi possível uma análise dos conteúdos de romances espíritas na cidade de Catalão (GO), através dos 3 romances mais requisitados da biblioteca de um centro espírita localizado na região central da cidade localizado. Segundo o autor Bernardo Lewgoy, os kardecistas acreditam que em sua religião há ciência, e que a ligação entre religião e ciência ocorre devido a ênfase que os kardecistas dão no papel médico e terapêutico, no descrédito às pesquisas de materialização e nas mudanças da disputa com o catolicismo depois da incorporação da parapsicologia (Lewgoy, 2004).

O Kardecismo sempre fez questão de se afirmar como ciência, pois Allan Kardec, o codificador da doutrina, coletava dados através de observações e análises durante as sessões mediúnicas. O espírita, tinha como ideia central, que o espiritismo seria a ciência que compreenderia a vida após a morte e que poderia caminhar junto com os estudos da física quântica. Allan Kardec, através da ciência buscava pela legitimação por meio de novas descobertas e interpretações, nunca ficando presa a um só segmento. Com o foco de, após considerada como ciência, transformar o espiritismo numa ferramenta de instruir a moral na sociedade sem ser questionado quanto a validade da religião.

Essa luta de Allan Kardec gerou muitas críticas, no Brasil por exemplo, Joaquim Nabuco (1849), escritor e político, se opôs a essa possível ciência. Para ele, o espiritismo era mais uma superstição que levaria parte da sociedade a uma vida de charlatanismo, atrapalhando a evolução e reforma social de um período marcado por mudanças. (Nabuco, 1900).

Para o sociólogo Bourdieu, os profetas, sacerdotes, feiticeiros, magos, seitas, igrejas, entre outros, são categorias que se multiplicam em proporção e são ressignificadas em suas discussões, o autor aponta os domínios sociais que vão da política à arte. Bourdieu cria a concepção de capital cultural e através desse conceito surge um modelo de capital religioso, podendo ser dividido em: capital espiritual incorporado, que seriam as habilidades e conhecimentos frutos da socialização dentro do campo religioso; capital espiritual objetificado, que precisa do consumo material e simbólico de bens religiosos; e o capital espiritual institucionalizado, ou seja, o poder simbólico das instituições religiosas (Bourdieu, 1979).

As pesquisas, feitas em locais distintos, se relacionam ao constatar-se que uma das maiores preocupações do espiritismo sempre foi a afirmação de uma identidade, o que foi dificultado após o surgimento de um espiritismo difuso, ou seja, apresenta nas religiões afro-brasileiras.

De um lado, um espiritismo calmo, essencialmente verbal e gráfico, de outro um espiritismo exuberante, fundamentalmente sensual” [...] Na Umbanda, ao contrário, o transe consiste em se deixar possuir por figuras que pertencem à marginalidade da história do Brasil (Aubrée; Laplantine, 2009).

O Kardecismo procura se explicar por meio de uma ciência, enquanto a Umbanda está no campo dos rituais que também pode envolver sacrifícios de animais, por exemplo. Por mais que a igreja católica tenha recusado e tentado acabar com o espiritismo durante muito tempo, tem se percebido que a maioria dos espíritas também se consideram católicos. E muito se fala que o espiritismo é o catolicismo dos tempos modernos. O espiritismo no Brasil tem matriz Kardecista e foi se moldando através do contexto social e cultural, acolhendo “*povos hospedeiros*” (Weber, 1952).

Por esse caminho que o Kardecismo tomou, de tentar se afirmar como ciência, as primeiras sessões de Umbanda, no Rio de Janeiro, foram malvistas perante os espíritas. A Umbanda nasce de uma mistura de elementos, flexível e adepta a incorporar diferentes rituais em suas sessões. Essa falta de estruturação, significou uma ameaça ao espiritismo já existente, que encararam o surgimento da Umbanda como um espiritismo corrompido e impuro.

Enquanto o Kardecismo acreditava numa incorporação hierarquizada, ou seja, dos bons espíritos aos espíritos endurecidos, a Umbanda trabalhava com incorporações de figuras da realidade brasileira, populares, como caboclos (indígenas) e pretos velhos(escravos) e isso foi visto como menos evoluído, no campo das superstições (Cumino, 2010).

De modo geral, o catolicismo que já havia se posicionado contra qualquer tipo de manifestação espírita e promovido movimentos contra o espiritismo e seus seguidores, não fez diferente com o surgimento da Umbanda. As tensões entre a Igreja Católica e a Umbanda se tornaram mais evidentes ao longo do século XX, especialmente a partir da década de 1930. A Igreja repudiou a Umbanda por incorporar em seus rituais, orações e santos católicos, “manchando” a pureza do catolicismo, segundo seus líderes e fiéis. As missas e reuniões católicas foram usadas para alertar quanto o “perigo” que acabava de surgir, uma nova prática não cristã em busca de se legitimar como religião. Atualmente, a perseguição é menor, ou disfarçada através de discursos de condutas de um bom cristão. O catolicismo não “aceitou” a religião, mas teve que aprender a conviver com práticas conjuntas, fruto de uma nova versão social sincrética. Com os novos discursos da modernidade, como a diversidade religiosa e a importância da valorização da cultura afro-brasileira, esse diálogo interreligioso teve de ser construído (Silva, 2005). O Terreiro de Umbanda de D. Maria Helena e sua trajetória como

liderança religiosa atravessam esse contexto de perseguição, resistência e posterior interação e convivência com tensões e trocas, obviamente que de acordo com a dinâmica e especificidades próprias do cenário religioso catalano.

Já o Candomblé, que possui raízes africanas e não é adepta ao sincretismo religioso, viu a Umbanda como utópica e sem fundamento ao tentar misturar elementos de outras religiões. O candomblé se preocupou com sua autenticidade, o que para o sociólogo Reginaldo Prandi, foi de extrema importância, pois sua identidade tornou-se um símbolo de resistência contra a discriminação cultural e racial. O candomblé também não “aceitou” a Umbanda, apenas mantém também um diálogo inter-religioso, já que a visibilidade alcançada pela Umbanda impactou no preconceito tido com o Candomblé e este passou a ser mais reconhecido e respeitado (Prandi, 1996).

A reflexão sobre as aproximações e os distanciamentos entre o catolicismo, o espiritismo, a Umbanda e o Candomblé são fundamentais para compreender a Umbanda atual, pois essas relações históricas e culturais não apenas moldaram a religião, mas também continuam a influenciar sua prática e aceitação na sociedade contemporânea.

A influência do catolicismo se reflete no sincretismo de santos católicos, o uso de imagens de santos e orações católicas nos rituais umbandistas, esses são exemplos de como a Umbanda se “apropriou” de práticas católicas para sobreviver em um contexto de repressão religiosa. O espiritismo kardecista também teve um papel central na formação da Umbanda, principalmente em relação à mediunidade e à ideia de comunicação com os espíritos. Porém, ambas se distanciam quando a Umbanda dá espaço para entidades de diversos tipos, como os espíritos de índios, negros e caboclos, desafiando a visão do espiritismo que enfatizava apenas espíritos de alta moralidade, doutrinadores. O Candomblé se aproxima no que diz respeito aos orixás e a algumas práticas de culto, mas as duas religiões se distanciam em aspectos estruturais, como nos rituais e hierarquização.

Ao trabalhar com as memórias de D. Maria Helena ao longo de sua trajetória umbandista na cidade de Catalão-GO, percebe-se que ainda é latente as aproximações e distanciamentos entre o catolicismo, o kardecismo, a Umbanda e o Candomblé, com interferências mútuas entre as religiões. Nesse trabalho demonstraremos como as práticas umbandistas da nossa personagem expressam uma diversidade de práticas dentro de uma mesma religião.

Ao perambular pela cidade de Catalão (GO) e região, percebe-se uma crescente abertura de instituições religiosas de matrizes africanas, em especial a Umbanda. A cidade também realiza uma grandiosa festa de negros do estado de Goiás, as Congadas, que também expressa o entrelaçamento entre diferentes religiões. O que propiciou, ainda mais, a minha busca e

interesse pelo conhecimento da cultura afro-brasileira e sua presença em Catalão. Dona Maria, apesar de rejeitar qualquer ligação com o candomblé, não tem ressalvas com as congadas em Catalão.

As congadas são uma tradição secular em Catalão, mas seus fundadores não se preocuparam em registrar ao certo quando se iniciou essa manifestação religiosa, todavia podemos afirmar que a partir da década de 40, apareceram algumas fundações e responsáveis por esse congado. Segundo relatos de dançadores antigos, essa festa surgiu em Catalão-Goiás, por volta de 1820; nessa época chegou na “Vila de Catalão” um grupo de escravos semi libertos que vieram trabalhar nas lavouras da região. No princípio, os dançadores eram exclusivamente negros, que dançavam para que Nossa Senhora os libertassem do trabalho árduo e do sofrimento da escravidão. Logo, essa festa, que tem aproximadamente dois séculos, é perpassada por lendas, histórias e mitos da cultura negra e, atualmente, de brancos que, em devoção à Virgem do Rosário, saem às ruas para fazer ecoar suas cantigas e o batuque (Nascimento, 2017).

Essa manifestação cultural e religiosa sempre despertou a admiração de Dona Maria Helena, embora ela nunca tenha participado diretamente de um terno. Ainda assim, sua casa religiosa mantém uma relação estreita com a festa. Durante o período da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, o terreiro muda sua dinâmica para acolher os filhos da casa que fazem parte de diversos ternos.

É comum que os responsáveis pelos ternos levem ao terreiro seus bastões, símbolos de comando e autoridade dentro dos grupos, para que sejam abençoados por Dona Maria Helena. O terreiro também recebe visitas dos ternos, que ali rezam o terço e compartilham refeições oferecidas pela casa. Esses encontros mostram como o terreiro se insere na vivência da festa, mesmo sem estar diretamente envolvido em sua organização.

As Congadas, fruto da confluência entre tradições africanas, europeias e indígenas, expressam essa rede complexa de significados e vínculos comunitários. A presença dos ternos no terreiro revela como o sagrado circula entre diferentes espaços e reafirma o papel das religiões de matriz africana na preservação de memórias, identidades e formas de resistência cultural. Nesse sentido, a experiência de Dona Maria Helena e de sua casa revela que a tradição das Congadas, em Catalão, é também fortalecida por esse diálogo com o universo dos terreiros e suas práticas de cuidado, acolhimento e bênção.

A Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário é tida não apenas como um evento religioso, mas como um espaço de comunicação e interação social, onde os participantes redimensionam suas experiências e constroem significados coletivos por meio da memória e da tradição. Essa manifestação cultural pode ser uma ferramenta para ressignificar a identidade de

uma comunidade, refletindo a luta pela preservação de práticas e memórias em um cenário marcado por mudanças sociais e culturais. Assim, a festa se revela como um campo fértil para a análise das relações humanas e das representações culturais, ressaltando a importância das vozes dos praticantes na construção do sentido da tradição (Katrib, 2009).

O período em que conheci o terreiro de D. Maria Helena e um pouco de sua história, coincidiu com o momento em que pretendia retomar as pesquisas acadêmicas, e como já mencionado, a graduação despertou outras questões a serem perseguidas. O percurso traçado foi explorar sua memória, de forma cautelosa, pois se trata de uma velha senhora de 93 anos de idade, com limitações de saúde e horários, devido a demanda do terreiro. E eu, professora da rede pública da região de Catalão, também tive muita dificuldade em conciliar com a pesquisa. Foi desafiador estar nas duas ocupações ao mesmo tempo, professora e pesquisadora, mas ambas as funções se complementaram. E mesmo mantendo o equilíbrio entre essas atividades, tivemos desafios constantes ao longo da pesquisa, os quais explorarei adiante.

Na minha atuação como docente, inicialmente me aproximei dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), especialmente em seu eixo sobre Pluralidade Cultural, no qual se destaca a importância de oferecer aos alunos oportunidades para conhecerem suas origens e compreenderem-se como integrantes de diferentes grupos culturais. No entanto, a escola ainda enfrenta dificuldades históricas para lidar com preconceitos e discriminações raciais e étnicas. Essas práticas, mesmo que inconscientes, violam direitos e criam barreiras no processo educacional, gerando constrangimentos e sofrimento para os envolvidos (PCN, 2000).

Com o tempo, entretanto, percebi a necessidade de atualizar minha prática e compreender os novos direcionamentos curriculares. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento em vigor desde 2017, aprofunda esse compromisso com a diversidade e estabelece habilidades específicas que orientam o ensino da História e das Ciências Humanas no Ensino Médio. Entre elas, destaco, por exemplo, a habilidade EM13CHS104, que propõe a análise das dinâmicas da formação das identidades e das culturas em diferentes tempos e lugares, e a habilidade EM13CHS202, que convida à reflexão sobre as relações entre desigualdades sociais e preconceitos de raça, etnia, gênero e geração (BRASIL, 2017).

Esse contraste entre os ideais curriculares – tanto nos PCNs quanto na BNCC – e a realidade escolar, especialmente no que diz respeito ao ensino sobre religiões e relações étnico-raciais, me impulsionou à realização deste trabalho de conclusão de mestrado. Nesse contexto, a valorização das diversas culturas presentes no Brasil, especialmente a afro-brasileira, é essencial. Pesquisas que exploram a cultura afro pelo viés religioso e seus sincretismos

contribuem para que os alunos compreendam sua identidade e ancestralidade, promovendo autoestima e enfrentando preconceitos como racismo e intolerância religiosa.

A historiadora Circe Bittencourt critica o ensino nacional de História por privilegiar a globalização em detrimento de uma abordagem mais significativa da história local e regional, enquanto Maria de Lourdes Janotti aponta que a história regional ainda está subordinada às narrativas de regiões hegemônicas, como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (Bittencourt; Janotti, 2004).

As autoras nos apontam à necessidade de investir na produção de conhecimento histórico Local e Regional, mas principalmente de fazê-la chegar até a sala de aula para ser utilizada de forma apropriada no ensino de história. Nesse sentido, trabalhamos na perspectiva da História Local na construção do nosso produto educacional sobre a Umbanda em Catalão, a partir da trajetória de Maria Helena.

As autoras nos apontam à necessidade de investir na produção de conhecimento histórico local e regional, mas, principalmente, de garantir que esse conhecimento chegue até a sala de aula e seja utilizado de forma apropriada no ensino de História.

Nesse sentido, trabalhamos na perspectiva da História Local, aqui entendida como o estudo das experiências, memórias e práticas culturais que ocorrem no território em que a escola está inserida — no caso, a cidade de Catalão. O nosso produto educacional foi construído a partir da trajetória de Maria Helena, uma liderança da Umbanda no município, como forma de dar visibilidade a saberes e vivências historicamente marginalizados, promovendo o reconhecimento da diversidade religiosa e étnico-racial local.

A interdisciplinaridade é um método inovador no ensino de história que possibilita críticas, confronto de ideias e valorização de memórias e patrimônios locais. A partir dessa perspectiva, propõe-se a utilização de recursos como documentários que resgatem histórias locais, como as memórias da mãe de santo mais velha da cidade, despertando nos alunos interesse pela valorização de sua identidade cultural. Essa abordagem visa romper com a limitação dos livros didáticos, frequentemente criticados como instrumentos ideológicos voltados para interesses elitistas, como apontado por Décio Gatti (2004).

No âmbito da cultura africana, afro-brasileira e das relações étnico raciais no Brasil ainda há os desafios relacionados à implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2011, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. A religião, é uma dimensão essencial da cultura afro-brasileira, muitas vezes negligenciada devido ao despreparo docente, preconceitos enraizados e falta de material didático para tal abordagem. Clifford

Geertz (1989) define a religião como um sistema simbólico que dá sentido à existência e orienta as motivações humanas, destacando a relevância de abordá-la de forma integrada à cultura.

Os desafios enfrentados para o ensino da cultura afro-brasileira e indígena, como a resistência ao reconhecimento das raízes africanas, o despreparo docente e os preconceitos latentes que circundam as próprias instituições de ensino, demandam estratégias inovadoras e inclusivas. Nesse contexto, a chegada de uma geração inserida na cultura digital, conforme apontado por François Hartog (2019) e Circe Bittencourt (2018), impõe ao historiador contemporâneo a necessidade de adaptar suas práticas ao novo perfil de estudantes.

A produção audiovisual emerge como uma solução estratégica para enfrentar esses desafios, possibilitando o alcance de um público maior, permitindo uma comunicação mais profícua, alinhando-se às novas formas de consumo cultural. Ferramentas audiovisuais têm o potencial de democratizar o acesso ao conhecimento, tornando o ensino mais atrativo e significativo, ao mesmo tempo em que resgatam memórias e histórias locais, promovendo um olhar mais profundo sobre a diversidade cultural brasileira a partir de uma experiência específica vista de uma perspectiva micro.

Como professora atuante no ensino de História e Sociologia, disciplinas que abordam temas de cultura e religião, observo que os alunos demonstram maior engajamento quando o conteúdo está relacionado com histórias locais, muitas vezes manifestando uma curiosidade ou um sentimento de pertencimento. Além disso, percebo que preferem aulas que utilizam mídias digitais e tecnologias, que tornam o aprendizado mais dinâmico e conectado com suas realidades.

Dessa forma, a produção audiovisual surgiu para nós como a ferramenta mais adequada e produto mais apropriado para enfrentar os desafios já elencados no sentido de promover um ensino de História que tematiza a religião a partir da história local, compreendida aqui como a valorização das memórias, trajetórias e experiências vividas na própria comunidade em que a escola está inserida. No caso deste trabalho, isso se concretiza por meio da escuta e da visibilidade à liderança de uma mulher negra de religião de matriz africana atuante no território, cuja história dialoga diretamente com a realidade social, cultural e religiosa dos alunos.

Ao abordar a história local nesse viés, não apenas se rompe com a lógica dos grandes centros e dos heróis nacionais, mas também se cria espaço para práticas interdisciplinares, que envolvem áreas como as Ciências Humanas e Linguagens (em atividades de leitura crítica, produção textual ou roteiro, na análise da estética do vídeo, da simbologia ou de manifestações culturais).

Quando bem utilizadas pelos professores, ferramentas como curtas-metragens e documentários têm o potencial de democratizar o acesso ao conhecimento, valorizando memórias e histórias locais, e promovendo um olhar mais profundo e plural sobre a diversidade cultural brasileira.

Além disso, é papel do professor fomentar uma educação que destaque e valorize as origens africanas e indígenas, agenciando o respeito às diferenças como uma riqueza cultural e preparando os alunos para debates construtivos sobre diversidade e interculturalidade. Ao incorporar instrumentos como o audiovisual e práticas pedagógicas interdisciplinares, a educação pode contribuir para o fortalecimento da democracia e para a construção de uma sociedade mais plural e inclusiva.

Olhar historicamente para a experiência de um antigo terreiro de umbanda na cidade de Catalão, a partir da complexa trajetória de uma mãe de santo que atravessou o milênio atuando como liderança umbandista local, aproxima a comunidade escolar dos dilemas, enfrentamentos, efervescência, contradições e interações religiosas da cidade. Demonstrando que a história não é distante da sua realidade porque pode ser vista a partir da rua da sua casa, o que confere muito mais sentido às aulas de história e favorece sua aprendizagem.

2 JUSTIFICATIVA TEÓRICA METODOLÓGICA

A Umbanda, religião brasileira que agrega fortes traços da cultura afro, teve suas principais características construídas pelas condições históricas que o Brasil passou a partir do período colonial. Nações africanas começaram a se reunir reelaborando crenças que antes eram baseadas no cristianismo e na cultura indígena. Para Vagner Gonçalves, antropólogo e pesquisador da cultura afro-brasileira, o encontro dessas crenças foi o que permitiu sua sobrevivência até hoje (Silva, 2005).

Historicamente, as religiões de matriz afro-brasileira formam um conjunto de tradições que surgiram a partir do encontro de crenças africanas trazidas pelos escravizados, com elementos do catolicismo que foram obrigados a adotar, com os rituais indígenas e práticas espíritas que surgiam num momento de profundas transformações sociais.

A literatura espírita ao ganhar notoriedade através das influências de Allan Kardec, abordando sobre reencarnação e contato com espíritos, auxiliou para que em 1880 as reuniões fossem formalizadas na França. Essas reuniões chamaram muita atenção devido aos temas abordados e ao grande apoio de intelectuais e personalidades importantes. A busca pela ressignificação da vida e da morte, novas experiências e crenças, resultaram na divulgação e ascensão do espiritismo. A Igreja Católica considerava o espiritismo como uma heresia e tentou de várias formas atrapalhar seu crescimento (COSTA, 2001).

A Umbanda nasceu em 1908, em Niterói, no Rio de Janeiro, fundada por Zélio Fernandino de Moraes¹, que acabara de ingressar na vida militar, mas não deu seguimento no militarismo e dedicou-se apenas à religião. Porém, a ascensão do espiritismo kardecista no Brasil ocorreu entre 1943 e 1954, principalmente, devido ao público letrado que aderiu a doutrina. A Federação Espírita Brasileira contou com um acréscimo notável nas vendas de livros espíritas e a Academia Brasileira de Letras reconheceu que, por mais que os livros fossem ainda marginalizados, eles contavam com um público numeroso. (Silva, 2015)

Antes de sua criação oficial, essas manifestações não estavam ainda consolidadas sob uma estrutura religiosa formal, mas sim num contexto de cura popular. As práticas mediúnicas ocorriam em ambientes informais, sem a definição clara de uma religião estruturada. Embora

¹ Embora a narrativa mais difundida aponte Zélio Fernandino de Moraes como fundador da Umbanda em 1908, essa versão é apenas uma das interpretações possíveis sobre o surgimento da religião. Diversos pesquisadores e praticantes entendem a Umbanda como resultado de um processo histórico mais amplo, sincrético e descentralizado, que envolve práticas espirituais afro-brasileiras, indígenas e do catolicismo popular, já presentes anteriormente à institucionalização proposta por Zélio.

não existisse uma denominação específica ou uma organização formal, essas manifestações já refletiam os elementos que mais tarde seriam consolidados na Umbanda, como a fusão de influências afro-brasileiras, indígenas, católicas e espíritas (Prandi, 1996). Quando observamos o terreiro de Umbanda *Vovó Maria Conga e Caboclo Sete Flechas*, ou mesmo ao analisar as declarações de D. Maria Helena, é possível perceber a junção de elementos de todas essas manifestações religiosas em seus símbolos, práticas, rituais e discursos. É possível perceber inclusive certa escala de valor, hierarquia e reconhecimento das manifestações presentes nesse terreiro de Catalão, que remontam questões históricas de um passado ainda presente e latente, conforme veremos a seguir.

O culto à ancestralidade gerou a primeira noção de oferenda, em que o indivíduo mantinha com os ancestrais muitos dos cuidados que o faziam em vida. Por exemplo, oferecer ao falecido comidas, vestes, objetos preferidos, entre outros. Esse local onde eram feitas as ofertas, passa a ser considerado um “chão sagrado”, ou seja, um local sagrado. A tradição de oferendas é característica forte da Umbanda, que preza pelo oferecimento às entidades como forma de agradecimento ou pedidos. E elas podem ser feitas em locais públicos, afastados, como nas matas e beira de rios, ou até mesmo dentro do espaço religioso (Prandi, 1996).

As primeiras oferendas dentro do viés religioso surgem no Candomblé, religião de matriz africana, feitas a partir de um conjunto de regras que devem ser seguidas. As oferendas só poderiam ser entregues dentro do local religioso, fora dos olhares públicos e sempre naquele mesmo lugar. Diferentemente da Umbanda que dá seguimento a essa tradição, mas que não estabelecia um local determinado. Essa diferença se estende também para o altar, lugar onde imagens e objetos sagrados são cultuados. No Candomblé esse espaço é reservado, somente os integrantes religiosos podem ter acesso, já na Umbanda o altar é posto em local público e de maior visibilidade (Bastide, 1971).

Nos últimos anos, com a constante busca pela valorização da cultura afro-brasileira e, consequentemente, dessas práticas religiosas, muitos terreiros de Candomblé tem visto aberturas para realizar oferendas e alguns rituais em espaços públicos ou aberto a uma parcela de pessoas a fim de desmistificar a religião. Na Umbanda as práticas públicas sempre existiram permitindo essa troca de saberes, porém esse comportamento não é uniforme, cada instituição possui uma dinâmica.

Figura 1 – Congá do Terreiro de Umbanda “Vovó Maria Conga e Caboblo Sete Flechas”.



Fonte: Fotografia produzida pela autora.

A Umbanda surge com o embranquecimento da macumba e com o enegrecer do Kardecismo, buscando uma legitimação social. O primeiro molde da Umbanda foi o Kardecismo. Sendo assim, o desenvolvimento da Umbanda tinha como foco a integração e contribuição de todos os grupos da sociedade nacional independente de categorias sociais. Ela se configura como uma religião à moda brasileira. Ela não segue um livro sagrado ou regulamentos, seus rituais podem mudar de acordo com as demandas materiais ou espirituais do momento (Bastide, 1971).

A Umbanda pode ser identificada como uma religião inclusiva, com papel importante no crescimento urbano pós-abolição, contexto em que diversas identidades conviviam e concorriam buscando ressignificar sua existência. Para o historiador Carlos E. Marcondes (1933), num contexto de marginalização social, a Umbanda criou um sentimento de pertencimento aos seus participantes, que até então se sentiam excluídos de outras tradições ou comunidades. Mas o autor também analisa a dificuldade da religião em estabelecer uma identidade unificada, devido sua fragmentação em várias linhas e interpretações de trabalho, ou seja, cada terreiro é responsável por criar sua dinâmica de rituais e atendimentos ao público.

Em 1941 foi realizado o primeiro Congresso Brasileiro de espiritismo de Umbanda para a construção de uma identidade. Nesse Congresso, a ideia principal foi a abolição de certas práticas africanas, para que a religião se tornasse mais pura e longe de práticas que remetessem à magia. A linha tradicional espírita acredita que religião e ciência caminham juntas por utilizarem medicamentos terapêuticos e por alguns médiuns atuarem como médicos espirituais. A separação entre religião e ciência, seria um conflito para o espiritismo conservador. Já a Umbanda, utiliza-se também dos trabalhos de cura e terapêuticos, mas não possuem a necessidade de se afirmarem através da ciência. Pelo contrário, acreditam nas forças e vibrações que vem dos elementos terra, fogo, ar e água.

Até 1933, a Umbanda tentava seguir todos os ensinamentos abordados no livro *O Livro dos Espíritos* (1857), escrito por Allan Kardec. Porém nesse ano foi publicado o primeiro livro da Umbanda, *O Espiritismo, a magia e as Sete Linhas de Umbanda*, escrito por Leal de Souza (1933). Este atuou como um dos primeiros divulgadores e teóricos da Umbanda, especialmente na década de 1930. Jornalista e escritor, contribuiu com a Umbanda ao apresentar os fundamentos da religião de forma organizada, no intuito de romper com o espiritismo kardecista e legitimar a Umbanda. Criou também um modelo de organização usado até os dias de hoje, chamado de “Sete Linhas de Umbanda”.

A Linha Branca de Umbanda e Demanda, compreende sete linhas: a primeira de Oxalá; a segunda de Ogum; a terceira, de Euxoce (Oxóssi); a quarta, de Xangô; a quinta de Nha-San (Iansã); a sexta de Amanjar (Iemanjá); a sétima é a linha de Santo, também chamada de Linha das Almas. Essas designações significam, na Língua de Umbanda – a primeira, Jesus, em sua invocação de N. S. do Bonfim; a segunda, São Jorge; a terceira, S. Sebastião; a quarta, São Jerônimo; a quinta, Santa Bárbara. E a sexta, a Virgem Maria, em sua invocação de N. S. da Conceição. A linha de santo é transversal, e mantém a sua unidade através das outras. (Souza, Leal. *Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 1933*)

Em 1939, foi fundada a *Federação Espírita de Umbanda do Brasil*. A Umbanda rompe com o intelectualismo pregado pelo espiritismo Kardecista, pois passa a trabalhar com entidades que faziam parte da realidade do povo brasileiro. Essas entidades espirituais, consideradas espíritos que ganharam certa evolução no plano espiritual e retornaram através do homem para promover ensinamentos, tais como pretos velhos que simbolizavam a escravidão vivida no país e caboclos que enalteciam os povos indígenas, eram malvistas e nesse confronto surge a ideia de “doutrinação”, que ainda é comum nos dias de hoje.

Entidades espirituais estão intimamente atreladas ao que Kristina Wirtz cunhou, em *Spirited Things*, de economia representacional da presença espiritual, ou seja, ordens semióticas e ontológicas que informam como as pessoas humanas tomam certas coisas como representações de outras, como signos ganham valor indicial como signos (Johnson, 2014).

A ideia de doutrinação surge com o intuito de "purificar" a Umbanda, ao longo do tempo o espiritismo passou por diferentes interpretações e práticas que se dividiram em várias correntes de pensamento. A cultura europeia, considerada como padrão de desenvolvimento e evolução, teve grande influência nessas divisões. A Europa, com sua visão de progresso e modernidade, frequentemente impôs suas próprias perspectivas sobre o espiritismo, resultando na formação de versões "purificadas" ou adaptadas da doutrina. As influências europeias na Umbanda podem ser observadas por meio do espiritismo de Allan Kardec, do Catolicismo, bem como das correntes da literatura, arte, folclore e filosofia.

Em contrapartida, a cultura africana sofreu marginalização, pois o Brasil reconheceu por muito tempo a cultura europeia como dominante, tornando-a como padrão a ser seguido, qualquer traço desviante dessa referência é preterido e estereotipado. Por isso é importante promover o acesso ao ensino da cultura africana como um caminho para combater o etnocentrismo e trazer para o centro do debate as diferentes culturas presentes no país, originárias da África e dos povos originários indígenas. Não só como uma forma de conhecimento, mas também para romper com o preconceito que a cultura e as religiões afro-brasileiras ainda enfrentam todos os dias.

Ao analisar esse cenário de surgimento e desenvolvimento da religião, nota-se não só uma diferença entre os rituais e segmentos, mas também diferentes classes sociais envolvidas. A burguesia era atraída pelo Kardecismo devido seu intelectualismo e a busca incessante pela legitimação como ciência, marca de certa forma ainda presente no Kardecismo, pois é composto majoritariamente por pessoas desse perfil social.

A Umbanda tem mais aderências as classes populares, especialmente as famílias de trabalhadores dos setores industriais que saíram da zona rural em busca de trabalho nas fábricas. As práticas umbandistas expressavam um senso de comunidade e acolhimento, que pode ter atraído esse tipo de público. Ainda pode ser observado dentro dos terreiros de Umbanda um perfil social mais ligado as camadas populares. Como é o caso do terreiro que analisamos mais de perto nessa pesquisa, que fica localizado num setor mais periférico da cidade de Catalão.

O Candomblé, no período colonial e imperial, contava com uma população marginalizada composta por descendentes de africanos que haviam sido escravizados. Mesmo diante da escassez de recursos, da grande opressão e da marginalização social, a religião se

tornou um símbolo de resistência. O Candomblé oferece aos seus praticantes não apenas os rituais, mas também uma afirmação de suas identidades. O que a difere das outras religiões atualmente é o fato de ter sido a que mais sofreu mudanças em seu público, já que, inicialmente, somente descendentes de africanos eram aceitos em seus rituais. No entanto, ao frequentar esses espaços, pude perceber que hoje os terreiros de Candomblé contam com um público bastante diversificado, incluindo muitos jovens de classe média. Fenômeno que demandaria uma análise mais acurada, o que não é objetivo desse trabalho.

A repressão policial a religiões como candomblé e a umbanda no século XX, estava vinculada a uma tentativa de controlar práticas religiosas consideradas "não convencionais", ou seja a práticas religiosas ligadas à cultura africana ou a movimentos de resistência popular. Para Maggie (1988), a criminalização dessas religiões e a repressão policial não eram apenas um reflexo de uma intolerância religiosa, mas também uma forma de controle social, direcionada a populações marginalizadas, como os negros e os pobres, que frequentemente encontravam nesses espaços um lugar de acolhimento e resistência.

Para continuar se mantendo, muitos dirigentes da religião usaram como estratégia o envolvimento na política. Para Prandi (1996), essa medida foi o que amenizou os conflitos durante a ditadura militar, pois muitos militares estavam fazendo parte de terreiros de Umbanda ou envolvidos de alguma forma com a religião. A comunidade afro, praticantes do Candomblé, apoiou dirigentes umbandistas que se aventuraram na política, com o intuito de serem representados de alguma forma, já que a ocupação daquele espaço naquele momento era inviável a essa população que sempre foi marginalizada.

Dialogando com esse contexto histórico das religiões no Brasil, que decidimos produzir um documentário, acompanhado de uma proposta de plano de aula de História, sobre a trajetória religiosa de D. Maria Helena, uma mulher de 93 anos de idade, natural da cidade de Catalão (GO), atuante na religião há cerca de setenta anos e mãe de santo há mais de cinquenta anos. Explorando detalhes de sua vida com ênfase na atuação religiosa.

A produção em áudio visual perpassa o começo difícil para a religião diante de um período conservador em termos de política, cultura e sociedade, a D. Maria Helena evidencia por exemplo a discriminação por parte da família e outros círculos de convivência, as dificuldades financeiras e psicológicas em manter uma instituição constantemente criticada. De modo geral, desejamos apresentar memórias acionadas em boa parte pelo ímpeto de não deixar tais experiências caírem no esquecimento.

A proposta dessa pesquisa foi refletir sobre a história de vida religiosa de Dona Maria Helena, mãe de santo mais velha e conhecida na cidade pela sua trajetória como líder religiosa

umbandista. Seu percurso permite compreender e lançar luz sobre o desenvolvimento do sincretismo religioso no Brasil, parte do processo de nascimento e construção da Umbanda como religião brasileira e sua notoriedade contemporânea. Um documentário para aplicação principalmente na educação básica, nas aulas de História e outras disciplinas que lidam com a temática da diversidade e sincretismo religioso.

Para a produção desse documentário as contribuições da Historiadora Beatriz Nascimento, sobre os quilombos foram fundamentais, a partir dela consideramos que os quilombos eram espaços férteis para o sincretismo, territórios onde, entre outras coisas, grupos de escravizados e marginalizados se refugiavam da perseguição colonial. Beatriz Nascimento, pensa o Quilombo como um mediador ou interlocutor de linguagens, um decodificador dos debates sobre o pensamento afrodiaspórico, uma narrativa que toma um corpo produtor de signos e símbolos novos, corpo que se constituiu no processo de rupturas, continuidades e adaptações, fluxos e refluxos no espaço do Atlântico Negro (Reis, 2022). As religiões de matriz africana guardam traços semelhantes com essa noção de Quilombo. A historiadora afirma que

É comum dizer que o negro tem uma cultura própria. É claro que tem. E essa cultura é vinda de nossa origem africana. Então, tem-se o candomblé, umbanda e determinadas formas de comportamento, maneiras de se organizar, modos de habitar e uma série de outras coisas... Existe uma cultura realmente histórica e tradicional que seria a cultura de origem africana e uma outra cultura também histórica, mas que foi forjada nas relações entre brancos e negros, no Brasil. [...] o negro tem uma história tradicional onde subsistem ainda resíduos das sociedades africanas, mas tem, também, uma cultura forjada aqui dentro e que esta cultura, na medida em que foi forjada num processo de dominação, é pernicioso e bastante difícil e que mantém o grupo no lugar onde o poder dominante acha que deve estar. Isto é o que eu chamo de 'Cultura da Discriminação' (Nascimento, 1976).

Em Palmares, no sertão brasileiro, pesquisadores encontraram cerâmicas enterradas em formato de quartinha, elemento de ritual religioso africano. Durante as gravações realizadas para nosso documentário observamos, seja na residência ou no terreiro como local de atuação da líder religiosa, a perpetuação das imagens de santos e ritos católicos, como forma de tradição e respeito à ancestralidade (Bastide, 1971).

O autor Carlos Viana, ao pesquisar o candomblé e fazer a constatação desse matriarcado bem definido, explica que "Além dos condicionantes históricos que levaram estas mulheres a chefia das casas de candomblé, podemos trazer também o elemento do cosmo visão do povo de santo. "A "mulher", na religião dos orixás, teve na mitologia papel crucial" (Bastos, 2011).

Dentro do mito de criação do mundo no candomblé coube a Oxum a tarefa de criar os seres humanos, sua representação se dá de forma diferente da Virgem Maria. Oxum é a deusa

da beleza, é sensual, charmosa e cheia de astúcia. A todas as outras também são atribuídos papéis de liderança, força, inteligência e autonomia. Iansã, por exemplo, é o único orixá que tem coragem de entrar no reino dos mortos, Iemanjá é reverenciada com respeito e admiração. Existe uma forte identidade das mulheres de terreiro em relação aos seus orixás. "Oyá Igbalé, entidade feminina também conhecida como Iansã Balé, é cultuada com os ancestrais; considerada rainha e mãe dos egungun, é cultuada num assentamento especial." Aqui, além dos simbolismos de acolhimento, o corpo feminino nos remete a uma ponte, interligando dois mundos distintos, o plano físico e o plano espiritual (Lima, 2014).

As tradições religiosas africanas evidenciam a importância da figura feminina. A mulher representa a ancestralidade e o poder de perpetuá-la. A única exceção, dentro das religiões de matriz africana, é para o Ogã, responsável pelo instrumento de percussão africano, o atabaque. Sua função é invocar entidades que irão atuar naquela sessão, e essa deve ser executada por homens, pois há crenças de que seja uma função masculina devido a energia ser mais compatível, tal aspecto é pouco discutido nas casas.

Para o autor Roger Bastide, o valor místico era o único refúgio do negro, desprovido de defesas materiais. Os elementos dominantes na vida dos negros eram de origem africana, tanto a liturgia quanto a mitologia, uma resistência cultural acrescida de traços brancos e um catolicismo corrompido. Mas as cores nunca se confundiram, a Igreja aceita apenas a estratificação social. Essa diferenciação da Igreja branca e a Igreja negra fica perceptível quando o catolicismo dá aos seus fiéis elementos africanos, como por exemplo as Congadas de Catalão, maior festa de negros do estado de Goiás, em louvor à Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade, e à São Benedito, santo negro. O catolicismo adultera a fé africana a partir do momento em que negros aceitam e desejam o batizado para ter status social (Bastide, 1971).

O sincretismo religioso ganha envergadura no encontro do catolicismo com as tradições africanas, o negro não podia expressar sua fé e se escondia por trás da fé branca, da fé católica. Após o sincretismo afro-brasileiro surge também o Kardecismo e logo, sofrem as influências do capitalismo. O Kardecismo como doutrina espírita no Brasil começou a se estruturar através de Allan Kardec no Rio de Janeiro, caracterizado como um movimento discreto entre franceses que ali residiam, devido à grande repulsa à primeira sessão espírita pública que aconteceu em Salvador BA (Laplantine, 2009). A matriz kardecista trouxe ao longo de seu desenvolvimento uma vertente romântica proveniente do modernismo e ligada aos novos comportamentos na cultura do consumo. O comportamento consumista surge no século XVIII como um meio de distinção (Bourdieu, 2006).

Malinowski explica essa visão de religião como neutralizadora de emoções e da integridade mental do homem (Hall, 2019). A Umbanda se consolida como uma religião aberta a todos, com sua própria visão de mundo e a promessa de trabalhar para a felicidade do homem sofredor, partindo do sentido Durkheimiano de que há uma justiça imediata, da reparação aqui e agora para realização plena. A cada geração de negros, para que não se perdesse sua identidade cultural e religiosa, suas práticas passaram a ser reinterpretadas (Negrão, 1996).

A autora Maria Helena Villas Boas, na *Revista Projeto História* (2012) relata que a Umbanda fazia parte do movimento contracultura, principalmente devido suas imagens contraditórias que começavam a surgir em alguns trabalhos. Nesse momento fala-se em dois tipos de Umbanda: a Umbanda de terreiro e a Umbanda Federativa. A primeira era vista como “malandra” e a segunda como uma versão mais “comportada”. As pessoas por ela entrevistadas relataram que a religião não podia ir contra a lei, mas que ficou sem representantes legais em todos os níveis durante esse momento de lutas.

O período dos anos 50 é marcado por inúmeros artigos publicados a fim de informar o avanço e crescimento da Macumba, dentre eles, destaca-se os artigos de Frei Boaventura, autorizado pela Câmara do Rio de Janeiro, em que se falava da “expansão das heresias” (1953). Após uma década de conflitos, dos quais muitos se tornaram casos de polícia, nos anos 60 surge um apoio político sistemático à Umbanda. Já nos anos 70, a Umbanda após resistir durante os períodos anteriores, se torna assunto central dos meios de comunicação, ganha destaque e é considerada uma religião de massa com cerca de 30 milhões de adeptos. Com esse destaque, líderes políticos passam a frequentar e tornar pública sua presença nas sessões através de registros com intuito de aproximação da classe média e baixa.

No documentário, D. Maria Helena, menciona uma figura importante que fez parte do momento de consolidação de seu terreiro na cidade de Catalão, o político Haley Margon Vaz. Para a mãe de santo, o apoio financeiro e político de Haley, prefeito a época, fora de suma importância para encorajá-la diante das críticas e perseguições que ela e sua família vinham passando. D. Maria Helena também se sentiu receosa ao narrar sobre essa ajuda, segundo a mãe de santo, o apoio político era sempre seguido de um pedido de sigilo, mas me autorizou manter a fala no documentário desde que fosse consentida pelo Sr. Haley. Ao abordar o ex-prefeito para contribuir com a pesquisa e falar do seu apoio à instituição religiosa de D. Maria Helena, ele não se opôs, mas pouco comentou sobre o caso.

Haley lembrou do período difícil em que assumira a prefeitura de Catalão, da sua posição em relação ao regime militar e da luta pela implementação da democracia. Contou ter sido um dos fundadores do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e que, mesmo sendo

adepto ao catolicismo, abriu portas para o desenvolvimento de outras religiões na cidade. Nesse sentido, afirmou ter percebido que D. Maria Helena precisava de apoio financeiro e social para que seu terreiro conseguisse se manter e a ajudou. Foi resistente em dar detalhes desses encontros e acordos políticos, mas disse reconhecer D. Maria Helena como um patrimônio religioso da cidade, e que por seu gosto, esta merecia esse reconhecimento. Sr. Haley, representa ainda hoje um forte símbolo de desenvolvimento para a cidade, principalmente, na área da educação onde atua como gestor e proprietário do Instituto João Margon Vaz, propiciando para crianças e adolescentes aulas gratuitas na área das exatas.

Um grupo de pesquisadores do Centro de Estudos da Religião Douglas T. Monteiro, ainda para a revista *Projeto História*, desenvolveu um trabalho através de uma pesquisa realizada sobre a memória da Umbanda em São Paulo. O intuito era resgatar a memória de como foi esse desenvolvimento da religião em São Paulo e de como ela está na atualidade. A dificuldade foi a obtenção de fatos coerentes, já que o movimento de surgimento da religião em São Paulo foi mais lento em relação ao Rio de Janeiro. Calculou-se um atraso de 20 anos. Outro fator importante de se destacar sobre a dificuldade de obter informações e falas completas sobre a religião, é o que o autor e filósofo Walter Benjamin afirma sobre o poder da narração. A narração é indiscutivelmente complexa e devido a isso cada vez mais extinta. Para o autor, em *História e Narração* (2007), “é cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. O autor pontua ainda a importância da memória para que se conserve o que foi narrado durante a exposição da história, e o distanciamento para que possa prevalecer a essência do narrador.

O documentário sobre a trajetória de D. Maria Helena emerge não apenas como um registro audiovisual de uma vida dedicada à Umbanda, mas também como uma peça de resistência cultural e uma reflexão sobre a rica tapeçaria das tradições afro-brasileiras. Ao longo de mais de 50 anos, D. Maria Helena se dedica a manter viva uma prática religiosa que, para ela, transcende o simples ato de fé, envolvendo um compromisso profundo com a comunidade e a ancestralidade. Sua tentativa de se legitimar como uma líder religiosa exemplar revela as tensões entre a tradição e as pressões sociais contemporâneas, bem como o desejo de reconhecimento de sua trajetória.

Esse produto educacional, ainda que realizado com poucos recursos financeiros e pouca habilidade técnica, busca apresentar para reflexões diversas as vivências e expectativas de D. Maria Helena, respeitando suas limitações de tempo e saúde. A escolha de realizar as gravações nas instalações de seu terreiro, em horários que considerassem sua rotina, foi uma decisão que ressalta a importância de um enfoque sensível e respeitoso ao se lidar com narrativas pessoais e histórias locais. As contribuições da história oral, nesse sentido, revelaram-se importantes,

pois ajuda a disseminar a voz de quem historicamente tem sido silenciado, mas também permite uma compreensão mais profunda das culturas e identidades que formam o Brasil contemporâneo.

Meus esforços como pós-graduanda em história, deslumbrada pela narrativa e pela sensibilização por meio de histórias, reforçam a necessidade de que relatos como o de D. Maria Helena sejam mais amplamente reconhecidos e efetivamente incorporados nos currículos acadêmicos. Trabalhar com histórias locais propicia uma conexão viva e direta com a realidade de comunidades que, muitas vezes, são marginalizadas nas narrativas históricas tradicionais. A pesquisa e a documentação audiovisual de tais histórias não só enriquecem o campo da história, mas também atuam como instrumentos pedagógicos poderosos, capazes de levar reflexões significativas para as salas de aula. Estudantes de diferentes religiões que dividem a mesma sala de aula, poderão ter contato e conhecer outra religião de forma menos tendenciosa para a partir disso elaborar as suas próprias reflexões.

Neste contexto, o documentário serve como uma ferramenta que ultrapassa as limitações de um registro técnico, se tornando um meio de promover a narrativa de D. Maria Helena como parte de um patrimônio cultural nosso. O compromisso de transmitir suas memórias e ensinamentos, mesmo em um formato mais simples, evidencia não apenas a relevância de sua experiência, mas também a importância de democratizar o acesso ao conhecimento e à história. Assim, essa produção não é um fim em si mesmo, mas um convite à reflexão e à valorização das múltiplas vozes e histórias que compõem a diversidade religiosa e cultural do Brasil.

A proposta de plano de aula nasce como desdobramento direto da pesquisa realizada sobre a trajetória religiosa de Maria Helena, líder de um terreiro de Umbanda no município de Catalão, Goiás. Ao construir um produto educacional em formato audiovisual, buscamos articular os campos da pesquisa histórica e da prática docente, tomando como centralidade a valorização da cultura afro-brasileira e o combate à intolerância religiosa no espaço escolar.

Com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), bem como na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), esta proposta visa contribuir para uma educação comprometida com os direitos humanos, a justiça social e a equidade racial. As atividades foram elaboradas a partir de metodologias ativas e participativas, como o uso do documentário, rodas de conversa e sala de aula invertida, com o objetivo de promover engajamento, senso crítico e protagonismo estudantil.

A escolha do tema “Religiões afro-brasileiras” busca ampliar o repertório cultural dos estudantes e fortalecer o reconhecimento da diversidade religiosa como patrimônio imaterial da

sociedade brasileira. A ênfase na história local — ao destacar uma liderança religiosa de Catalão — reforça a importância de aproximar os conteúdos escolares das vivências dos alunos, valorizando suas comunidades e seus saberes. Tal escolha dialoga com autores como Bittencourt (2004) e Janotti (2004), que apontam a necessidade de superação do ensino centrado em narrativas hegemônicas, abrindo espaço para histórias regionais e locais que constituem a identidade nacional.

A proposta ainda se ancora nos princípios da interdisciplinaridade, promovendo conexões entre História, Sociologia, Filosofia e Cultura, e no reconhecimento da cultura afro-brasileira como formadora da identidade nacional. Nesse sentido, buscamos fomentar, junto aos alunos, uma compreensão mais ampla das múltiplas matrizes que constituem o Brasil, promovendo atitudes de respeito, empatia e reconhecimento da alteridade.

3 ETAPAS DE ELABORAÇÃO

O projeto teve como fio condutor o objetivo de entender a trajetória religiosa de D. Maria Helena, considerando tanto suas experiências pessoais quanto seu papel na ascensão da Umbanda catalana. Para isso, realizamos diversas etapas de pesquisa. Iniciamos com uma pesquisa bibliográfica e revisão historiográfica para construir uma visão panorâmica de trabalhos acadêmicos e textos sobre Umbanda e religiões afro-brasileiras, buscando fundamentação teórica capaz de conferir suporte à análise da trajetória de D. Maria Helena.

Nesse percurso, entre outros, passamos por autores clássicos e contemporâneos que discutem a prática e a história dessas religiões no Brasil, como Bastide (1971), Bastos (2011) e Capone (2009) que abordam ricamente o contexto das religiões africanas no Brasil. Enquanto Costa (2001) e Ferretti (1995) trazem embates sobre o sincretismo religioso que moldam as religiões brasileiras. Dialogamos com autores contemporâneos como Lima (2014) e Maggie (1998) que trabalham gênero e poder dentro das instituições religiosas de matrizes africanas, ampliando ainda mais os horizontes da compreensão sobre a diversidade espiritual brasileira.

Realizamos ainda uma pesquisa no intuito de contextualizar o período histórico de atuação de D. Maria Helena, para pensar sua trajetória dentro do pano de fundo das transformações sociais e religiosas mais amplas que ocorreram no Brasil ao longo do século XX e no início do Século XXI, especificamente em relação à emergência da Umbanda e às suas interações com o catolicismo e outras tradições.

Outra etapa importante do processo de construção do trabalho foram as visitas frequentes ao terreiro, onde foram coletadas fontes e informações sobre a vida de Mãe Maria, rituais e práticas do centro, além de materiais escritos e audiovisuais que pudessem enriquecer a pesquisa. Acessamos diferentes tipos de documentos no acervo pessoal de D. Maria Helena, incluindo fotos e relatos de sua história familiar, fontes que contribuíram significativamente para a compreensão de sua trajetória.

Durante o processo realizamos entrevistas com familiares e membros da comunidade, que trouxeram detalhes valiosos sobre a vivência de D. Maria Helena e o contexto do terreiro. A pesquisa de campo incluiu a observação das práticas no terreiro e a participação em giras, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas religiosas e sociais presentes no local.

Conduzimos entrevistas estruturadas com D. Maria Helena, seus seguidores e outros participantes do terreiro, registrando suas vivências e percepções sobre a religião e seu papel na comunidade. As gravações foram realizadas com um aparelho celular, capturando os

depoimentos e rituais, o que foi fundamental para a produção do material audiovisual. O material coletado passou por processos de edição, um colega de área com habilidades de edição de vídeo auxiliou na montagem do documentário, respeitando a narrativa e a centralidade da figura de D. Maria.

Além do documentário, elaborei uma sugestão de plano de aula que pode ser utilizado em contextos educacionais, buscando promover um entendimento mais amplo sobre as religiões afro-brasileiras e a importância do legado de figuras como D. Maria Helena. O plano está alinhado às orientações da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), que enfatiza a valorização da diversidade cultural e religiosa no currículo escolar, contribuindo para formação de um cidadão mais consciente e respeitoso em relação às diferenças.

Ao longo da pesquisa foi realizado encontros para a coleta de informações, narrativas, vivências e filmagens. As entrevistas tinham como objetivo colher informações sobre a trajetória religiosa de D. Maria Helena, mais conhecida na cidade como “Vó Conga”, líder de um terreiro com grande visibilidade. As suas experiências e obstáculos encontrados ao longo da jornada coincidem com o contexto de ascensão da Umbanda, uma religião sincrética que afetou as suas percepções pessoais e o processo de se tornar alguém popular, aclamada e/ou julgada. O material coletado a cada encontro foi trabalhado, selecionado e analisado para ser utilizado como conteúdo didático e cultural em forma de vídeo documentário.

A proposta inicial era apresentar os resultados da pesquisa em forma de dissertação, construindo uma espécie de biografia religiosa de D. Maria Helena, mas no decorrer da disciplina *Seminário de Pesquisa I*, refletindo sobre as diferentes possibilidades e modalidades de Trabalho de Conclusão de Mestrado, nasceu a ideia de produzir um vídeo documentário. Essa proposta nos pareceu mais adequada por vários motivos, dentre os quais o maior potencial de alcance, circulação e uso de um material em áudio visual para o ensino de história. A pesquisa para construção do vídeo documentário enfrentou alguns obstáculos, como por exemplo, a indisponibilidade de D. Maria para as entrevistas devido sua agenda sobrecarregada e seu estado de saúde que é preocupante pela avançada idade.

É importante ressaltar que, no início do projeto, a proposta era que ao entrevistar D. Maria Helena, seus depoimentos fossem acontecendo de forma natural, fluída e sem precisar roteirizar muito ou conduzi-la com questionamentos, imaginamos que relataria com facilidade sua história de vida. Mas D. Maria Helena não se sentiu confortável com esse formato mais livre, ficou “travada” quando eu, na condição de entrevistadora, não lhe fazia alguma provocação. Esse comportamento inesperado talvez tenha se dado porque ela nunca foi procurada para ser

protagonista de uma história ou de outra produção semelhante, possivelmente pelos estigmas de sua posição ou pelos diversos julgamentos enfrentados ao longo de sua trajetória.

Em novembro de 2022, no início de nossos encontros, D. Maria Helena foi surpreendida com mal-estar causado pela pressão arterial alta, ela teve que submeter a acompanhamento médico para investigações e tratamentos cardiovasculares, que foi encerrado em janeiro de 2023. Tínhamos encontros previstos para o final do mesmo mês, porém D. Maria Helena entrou em contato para suspendê-los até fevereiro, pois sua filha mais velha, que mora fora da cidade, estava passando alguns dias com ela. Prestes a retornar, D. Maria Helena adoeceu novamente, chegando a passar vários dias internada no hospital. Numa de nossas visitas ela disse *“Filha, nós vamos vencer, a faculdade vai saber da minha história”* (Helena, 2023). De algum modo, ela compreende que essa pesquisa é uma forma de registro importante.

Após alguns dias de recuperação, baterias de exames e visitas familiares, D. Maria Helena entrou em contato, estava pronta para retornar com as gravações. Foi, mais precisamente, no mês de maio, quando já estávamos atrasados com o compromisso do vídeo documentário, mas há imprevistos que comprometem o que foi planejado no cronograma acadêmico, demonstrando a dinamicidade e complexidade da vida. Aos poucos fomos voltando a nossas atividades, respeitando o estado de saúde de D. Maria Helena, ainda fragilizado. Houve encontros marcados por longas e numerosas pausas que fazíamos para que ela pudesse descansar.

Importante destacar que, devido a esse quadro de saúde que acometeu D. Maria Helena, durante o desenvolvimento do trabalho, o terreiro permaneceu fechado para giras de novembro de 2022 até junho de 2023. Houve apenas uma festa, em 23 de abril, para celebrar o dia de São Jorge Guerreiro, quando realizei gravações para compor o vídeo documentário. Durante os meses de junho e julho houve giras todas as sextas-feiras, participei de todas para coletar material, informações e ajustar um pouco da escrita. Aproveitei também para colher depoimentos de alguns participantes, de forma discreta, sem que atrapalhasse os trabalhos da casa. Para manter a discrição, utilizei folhas de papel para que as pessoas pudessem anotar sua percepção sobre o terreiro, a mãe de santo e a religião.

Em nossas primeiras conversas observamos que ela era D. Maria Helena, Mãe Maria ou Vó Conga, os nomes atribuídos a ela de acordo com o grau de envolvimento e intimidade. Maria Helena, para familiares e demais da sociedade que não tem envolvimento com a religião. Mãe Maria, para os filhos de santo que são frequentes na casa e aqueles que já saíram, mas ainda tem esse respeito. E Vó Conga para aqueles que relacionam a figura dela com o nome da entidade e do terreiro.

As diferentes formas de tratamentos refletem a construção da identidade social e religiosa. O uso do nome "Maria Helena" sugere uma identificação mais formal e uma distância social, a qual é comum em relações que não envolvem intimidade ou um forte laço religioso. Já "Mãe Maria" indica uma relação de respeito e afeto, um reconhecimento da posição de liderança e do papel maternal que a figura religiosa desempenha na vida dos filhos de santo. Por último, "Vó Conga" evoca não apenas um laço afetivo, mas também uma conexão com a ancestralidade, tradições e a própria cultura do terreiro, ressaltando a ancestralidade e a continuidade cultural.

Pude perceber que as nomenclaturas também eram vistas como reflexos de uma hierarquia social e espiritual dentro da instituição religiosa. A variação dos nomes expressa a posição de Mãe Maria dentro do contexto do terreiro e sua relação com os membros. O tratamento mais formal pode estar associado a uma diferença de status ou conhecimento, enquanto os nomes mais carinhosos podem indicar uma proximidade maior e a inclusão no círculo íntimo da vida religiosa. No contexto religioso afro-brasileiro, por exemplo, é comum que líderes espirituais sejam referidos por diferentes nomenclaturas que refletem não apenas seu papel dentro da comunidade, mas também a sua relação com as entidades e os orixás, que são centrais nesse contexto. O uso de "Vó" pode ser entendido como uma forma de honrar as raízes africanas e a ideia de continuidade cultural.

Essas diferentes formas de nomeação não são meros apelidos ou variações afetivas, mas refletem dimensões socioculturais, hierárquicas e simbólicas dentro do campo religioso afro-brasileiro. Aqui, a linguagem desempenha um papel crucial na construção da autoridade religiosa e na definição dos vínculos comunitários. O uso de diferentes nomes revela camadas de pertencimento, reconhecimento e legitimidade, indicando tanto a posição da liderança espiritual quanto os modos diversos de inserção dos sujeitos no universo da religiosidade de matriz africana.

Ao observar e registrar essas formas de tratamento, compreendi que não se trata apenas de como D. Maria Helena é vista, mas de como ela se movimenta entre diferentes papéis e espaços sociais: mulher, mãe, líder religiosa, entidade incorporada. Cada nome revela uma faceta de sua identidade pública e espiritual, que se atualiza conforme o contexto e o interlocutor. Como destaca Pierre Bourdieu (1998), os nomes próprios carregam poder simbólico, e nesse caso, são utilizados como marcadores de autoridade, afeto, ancestralidade e pertencimento.

Como pesquisadora, essa observação me permitiu refletir sobre a performance identitária nas religiões afro-brasileiras, em que o reconhecimento não se dá apenas pelo que se

diz ou se faz, mas também por como se é nomeada e evocada. A mudança de nomenclatura também pode ser lida como um mecanismo de mediação entre o sagrado e o profano, entre o terreiro e o mundo externo, entre a individualidade e a coletividade, funcionando como um termômetro da relação entre o sujeito e o campo religioso.

Retornando as entrevistas feitas com D. Maria Helena, aos 92 anos de idade ainda atuando como mãe de santo do terreiro Vovó Maria Conga, situado no bairro Bela Vista em Catalão GO, ela expôs lembranças que para ela significam marcas de dores, lutas, mas também de fé. D. Maria Helena, deixou claro em nossas conversas o amor ao sagrado, aos santos e ao seu legado, do qual afirma ter muito orgulho e por vezes se emociona ao falar. Por conta da idade, dos problemas de saúde que hoje abalam a estrutura dessa figura de força e liderança feminina, tivemos que interromper algumas gravações, fazer cortes abruptos e até mesmo suspender alguns encontros.

A mãe de santo afirmou que seus pais eram extremamente católicos e que ela seguia os passos dos pais. De família humilde, sem condições financeiras, nascida em uma fazenda onde o pai trabalhava realizando os serviços gerais para o dono, a mãe ajudava na renda familiar lavando roupas para os patrões e fazendeiros vizinhos. D. Maria é a caçula de 8 irmãos, ela começou a ajudar a mãe na lavagem das roupas aos 7 anos de idade. Essa parte de sua história, que envolve infância e adolescência D. Maria Helena não gosta de falar, justifica ser a parte em que considera mais sofrida de sua vida por conta das dificuldades financeiras que passaram e de privações de uma vida normal para a faixa etária (Maria Helena, 2022).

Ao ouvi-la fazer essa reflexão, fiquei me questionando se esses traumas sofridos na infância não estariam ligados com a postura de líder religiosa que ela assumiu em sua vida. *“O passado, ao pulsar involuntariamente, a memória que nos atinge sem que seja convidada ao nosso encontro, produz a possibilidade de recriar ao acaso o próprio passado, de modo que este passado é uma construção do presente”* (Ramirez, 2011).

Emocionada, ela retoma para a parte em que sempre participou de um grupo católico da época, chamado Sagrado Coração de Jesus, e que abominava a religião espírita, que naquele momento, como mencionado anteriormente, passava por uma fase de ascensão. Naquele contexto, Católicos Apostólicos Romanos enfrentavam o desafio de afirmar sua identidade em meio a um ambiente marcado por transformações sociais e pela proliferação de novas correntes religiosas e filosóficas.

Católicos Apostólicos Romanos que queriam fortalecer a sua própria identidade como tais e de sua Igreja frente as várias outras religiões e correntes

de pensamento do século XIX e XX. Eles não eram simples executores de “ordens vindas de cima”, mais sim complexos personagens históricos que dialogaram constantemente com o centro da sua Igreja, que era a Santa Sé, e juntos, mas não sem divergências e maus entendimentos, implementaram uma reforma e um claro posicionamento frente a sociedade do seu tempo (Santirocchi, 2010).

Na pesquisa documental, priorizei os registros relacionados aos primeiros envolvimento de D. Maria Helena com a religião, utilizando como fonte entrevistas com familiares e relatos de pessoas que testemunharam o início de sua trajetória. Para além da literatura acadêmica, a imersão no cotidiano do terreiro, as interações no círculo familiar, bem como narrativas particulares e registros fotográficos coletados ao longo da investigação, possibilitaram a construção de um extenso acervo de informações, em parte exposta na produção do audiovisual resultante da pesquisa.

Apresentar os resultados da pesquisa no formato de audiovisual inicialmente parecia algo distante, tanto pelas dificuldades técnicas quanto pela minha inexperiência na área. No entanto, essa abordagem revelou-se um campo novo e desafiador, exigindo esforço e aprendizado constante. As gravações, realizadas de forma amadora, foram conduzidas com o intuito de retratar a trajetória religiosa de D. Maria Helena da maneira mais fiel possível. Como figura carismática e acolhedora, D. Maria Helena transforma sua instituição em uma espécie de lar, o que conferiu um caráter íntimo ao cenário. Esse ambiente, porém, tornou-se um desafio maior, pois algumas particularidades passaram despercebidas num primeiro momento.

O olhar crítico e o estranhamento trazidos pela orientação desempenharam um papel fundamental ao longo do processo. Levou-me a ter atenção às minúcias e identificar a riqueza de detalhes presentes tanto no cenário quanto nas narrativas, elementos que inicialmente pareciam comuns, mas que revelaram uma trajetória religiosa profundamente complexa. Durante as reuniões de orientação, tive liberdade para construir a pesquisa, e as discussões se concentraram em compreender as camadas de significados na trajetória de D. Maria Helena, que, à primeira vista, parecia apenas mais uma história de luta por espaço.

No que diz respeito à produção do audiovisual, contamos com a colaboração de um colega de área que, embora não fosse profissional na área de cinema, demonstrou grande habilidade em edição e um olhar aguçado para essa tarefa. Todo o material coletado passou por suas mãos para os ajustes necessários, considerando que os equipamentos utilizados eram amadores e os recursos financeiros limitados. Apesar dessas restrições, o trabalho resultante procurou capturar, com sensibilidade, a complexidade e o simbolismo dessa trajetória religiosa.

A pesquisa enfrentou desafios significativos, dentre os quais se destacaram as exigências do Comitê de Ética, órgão responsável por regulamentar estudos que envolvem seres humanos. O comitê demonstrou receio em aprovar o projeto devido à vulnerabilidade da participante principal, uma idosa suscetível a julgamentos, preconceitos religiosos e possíveis exposições constrangedoras. Apesar de todas as medidas adotadas, incluindo a obtenção de documentos assinados e consentimentos informados, a aprovação e liberação do projeto foram alcançadas somente na quarta tentativa. Reconhecendo a importância do comitê, seguimos rigorosamente todas as orientações estabelecidas. Todavia registramos aqui a dificuldade com todo processo até a aprovação dos protocolos de pesquisa, principalmente porque os documentos, instrumentos e plataforma do trâmite ainda não são totalmente aderentes às especificidades das pesquisas no campo das ciências humanas.

Outra dificuldade foi conseguir conciliar minha atuação como pesquisadora e minha profissão como professora na rede estadual de ensino. A rotina diária como docente limitou o tempo disponível para me dedicar plenamente à pesquisa. Além disso, não foi possível acompanhar toda a agenda do terreiro, que enfrentava um período de instabilidade devido aos problemas de saúde e questões familiares de D. Maria Helena. O terreiro esteve mais tempo fechado do que ativo durante o interstício da minha formação no mestrado, o que impactou o acesso às atividades religiosas para observação e registro.

A pesquisa foi realizada em paralelo ao meu trabalho em duas escolas da rede estadual, ministrando as disciplinas de Sociologia e História. Essa experiência contribuiu para o despertar do interesse em desenvolver materiais pedagógicos sobre as religiões afro-brasileiras, um tema frequentemente abordado no contexto escolar, especialmente nas disciplinas eletivas do Novo Ensino Médio. Contudo, a seleção de conteúdos bibliográficos e autores para embasar teoricamente a pesquisa apresentou-se como outro desafio. Diante dessa limitação, optei por me apoiar nos autores clássicos do campo e nos registros disponíveis no próprio terreiro, que se revelaram como fontes históricas indispensáveis para a realização do estudo.

Após analisar o espaço onde ocorre todo preparo e os trabalhos do terreiro, algumas brechas surgiam para que eu pudesse conversar com parte do público ali presente e entender um pouco da perspectiva de quem está do outro lado. Esse público é chamado de consulentes, ou seja, um termo usado para aqueles que buscam serviços e ajudas espirituais. Aplicamos uma entrevista com roteiro direto e simples, para não atrapalhar as sessões, mas que possibilitava conhecer mais sobre os motivos que levaram aquela pessoa até ali. Seguem abaixo alguns relatos a partir dessas conversas.

Consulente 01 tem 21 anos de idade, afirma frequentar sempre a casa, ser adepta da religião pelo motivo de acolhimento, que conhecia o terreiro e Mãe Maria desde criança pois foi levada pelos pais e se apaixonou pelo local, e que tem uma afinidade maior com entidades da linha de marinheiros. *“Aprendi que para ter uma mente saudável é preciso evoluir enquanto ser humano. Saber perdoar em primeiro lugar, todos nós erramos e através desse amor encontro a paz de Deus. A Umbanda para mim significa sabedoria e responsabilidade, um espaço de conhecimento pessoal e espiritual. O terreiro contribui para desmistificar o que é a Umbanda e acabar com o preconceito. A Mãe Maria é uma pessoa de muita sabedoria e usa isso para ajudar quem a procura.”* (CONSULENTE 01, 2023)

Consulente 02 tem 35 anos de idade, afirma frequentar sempre a casa, procura bem-estar espiritual, conhecia a religião, mas não frequentava antes, não conhecia Mãe Maria e tinha preferência por entidades das linhas de caboclos e Exus/Pombagiras. *“Esse espaço aqui tem contribuído no meu aprendizado cotidiano e evolução como ser humano. A Umbanda hoje é uma maneira de me encontrar com Deus, ter paz, amor. E também no meu desenvolvimento e compreensão da minha existência, meu desenvolvimento espiritual também. Acredito que aqui está de pé por ela, pela mãe de santo, que está firme e forte.”* (CONSULENTE 02, 2023)

Consulente 03 tem 24 anos de idade, frequenta sempre o terreiro, conhece a mãe de santo através dos pais que sempre frequentaram e não tem preferência por entidades. *“Além da constante evolução espiritual que sempre terei, o mundo espiritual me tornou alguém melhor, com o coração diferente... A umbanda para mim é amor e evolução. A Mãe Maria é aquela que, além de tudo, me faz querer continuar.”* (CONSULENTE 09, 2023)

Todos os consulentes compartilham a ideia de que a Umbanda oferece um espaço de acolhimento e evolução espiritual, embora com ênfases ligeiramente diferentes de acordo com suas demandas pessoais que ajudam a compreender o que a religião é para cada um deles. Para o Consulente 01, a Umbanda é entendida como um caminho para a "mente saudável" e a "paz de Deus", o que implica uma visão da religião como um meio de autodescobrimento e desenvolvimento pessoal. A ênfase no perdão e na sabedoria como formas de evolução destaca a importância do aspecto moral e ético esperado dentro do terreiro.

Por outro lado, o Consulente 02, embora também fale em bem-estar espiritual, coloca maior ênfase no "aprendizado cotidiano" e no "desenvolvimento espiritual", percebendo a Umbanda como uma forma de conexão com Deus e de entendimento da própria existência. Esse relato evidencia um processo contínuo de autodescobrimento e de busca por paz e amor, o que complementa a posição do Consulente 01 ao reforçar a ideia de que a religião oferece mais do que apenas soluções imediatas, mas uma compreensão profunda do ser humano.

O Consulente 03 reforça essas ideias ao associar a Umbanda ao "amor e evolução", mas traz uma contribuição importante ao atribuir ao "mundo espiritual" a capacidade de transformar seu coração e sua personalidade, destacando o impacto profundo da prática espiritual na vivência emocional e ética do indivíduo.

A figura da “Mãe Maria” aparece em todos os relatos com centralidade na experiência religiosa dos consulentes, sendo descrita de forma reverente, com foco em sua sabedoria no campo espiritual. Para o Consulente 01, Mãe Maria é descrita como uma líder sábia que "ajuda quem a procura" e utiliza sua sabedoria para desmistificar a Umbanda e combater o preconceito. Essa representação sugere que a Mãe Maria é vista não apenas como uma guia espiritual, mas também como uma referência moral e educativa para a comunidade, atuando como uma figura de autoridade e como agente de transformação social.

As preferências por entidades diferentes entre os consulentes (marinheiros, caboclos, Exus/Pombagiras) revelam a diversidade dentro da Umbanda e a flexibilidade de suas práticas. Todos os discursos reconhecem o terreiro como um lugar de aprendizado e transformação. Ambos os relatos ressaltam a importância do terreiro como um espaço de acolhimento, mas também de educação religiosa e combate ao estigma social relacionado à Umbanda, demonstrando que a intolerância religiosa ainda é uma marca bastante presente no cotidiano umbandista.

Atualmente, D. Maria se encontra em meio a um processo de interdição feito pelas filhas e um dos genros. Eles alegam que ela não está em gozo pleno de suas faculdades mentais e que não tem mais condições de administrar o terreiro. Propuseram à ela ficar apenas observando enquanto eles encaminham os trabalhos. D. Maria Helena, participou de duas sessões nesse formato e se negou a voltar em seu terreiro como alguém que apenas observa. Optou por se afastar de seu terreiro, as vezes aparece para assistir algum trabalho, a família segue dando andamento aos trabalhos e fazendo algumas mudanças que antes foram estipuladas por D. Maria Helena. Descontente, em nosso último encontro, me pediu que encerrássemos a pesquisa pois ela também estava encerrando “sua fê”, termo usado para se referir a interdição das filhas (Helena, 2023).

Para as gravações do vídeo documentário, utilizei um celular da marca Xiaomi Redmi 12S e um suporte tripé de mesa da marca Flex. Para construção do trabalho escrito realizei anotações durante a pesquisa de campo, realizei as entrevistas e pesquisas bibliográficas sobre a temática. Espero que o material coletado, esmiuçado, seja de relevância para estudos e análises futuras e, que, principalmente, seja um acervo de memórias de um legado marcante para a vida religiosa local, especialmente para aqueles que são filhos da casa, fiéis e

simpatizantes da valorização da Umbanda e das tradições afro-brasileiras existentes na cidade de Catalão e região.

4 DESENVOLVIMENTO

Como já mencionado a pesquisa realizada foi apresentada em forma de vídeo documentário que servirá, entre outras coisas, como produto educacional para reflexão sobre história local e diversidade religiosa na cidade de Catalão e região. Servirá como material pedagógico complementar para professores, especialmente os de História, que queiram explorar o aspecto religioso dentro da temática da cultura afro-brasileira. A finalidade é despertar nos alunos interesse pela temática através da aproximação do conteúdo com a realidade vivenciada por eles no contexto local.

Antes de qualquer coisa, acreditamos ser importante relatar de forma sucinta como esmiuçamos o funcionamento do terreiro pesquisado.

O primeiro endereço do terreiro de D. Maria Helena foi o mesmo de sua primeira residência após seu casamento, ou seja o terreiro funcionava em sua própria casa em 1970. Um pouco mais tarde, por volta de 1983, com o apoio financeiro do político Sr. Haley, conseguiram construir um espaço no fundo de sua residência que ficou em funcionamento até por volta de 2002, conforme aponta D. Maria Helena.

Figura 2 - Primeiro endereço da instituição religiosa de D. Maria Helena e sua residência na Vila Liberdade, Catalão GO



Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em: 8 jan. 2025.

Atualmente o terreiro está situado em uma área mais periférica de Catalão, porém atrai um público de diversas partes da cidade. As sessões acontecem às sextas-feiras a partir das 18h horas e costumam encerrar por volta das 22h30. Os atendimentos são organizados através de senhas distribuídas por ordem de chegada. A abertura acontece às 19h com pontos cantados, orações e a leitura de alguma mensagem retirada do Evangelho Espírita. Essa abertura costuma

durar até as 20h, quando começa a ter manifestações das entidades que irão atender os consulentes presentes através dos médiuns.

Figura 3 - Atual endereço de funcionamento da instituição religiosa de D. Maria Helena e sua residência.
Avenida José Marcelino, Setor Bela Vista, Catalão GO.



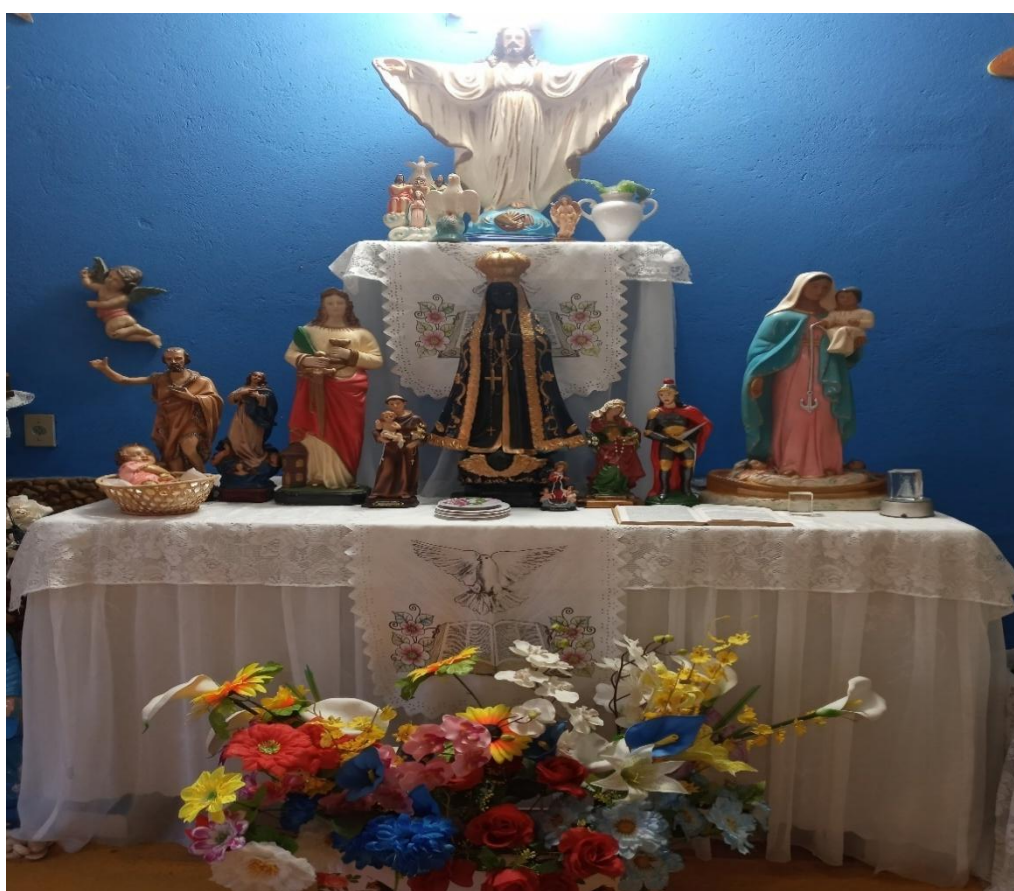
Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em: 8 jan. 2025.

Há uma pessoa responsável por organizar a distribuição e chamada de senhas, essa pessoa também encaminha os consulentes até os médiuns que estão disponíveis para atendimento. Os atendimentos são feitos pelos médiuns que estão, conforme creem, sob posse espiritual de alguma entidade. Nesta ocasião fazem uma limpeza energética e conversam com o consulente, ou seja, com a pessoa que está sendo atendida. Essas conversas têm por finalidade acalantar os problemas que estão afligindo o consulente, buscando uma resolução conjunta para cada situação e, por fim, são orientados a realizar banhos de descarrego ou qualquer outro trabalho que seja de necessidade para a entidade que orienta.

Após ser atendido, a pessoa é liberada para ir embora para que não haja tumulto, pois acontece de às vezes a casa distribuir cerca de 130 senhas. Quando não há espaço para todos se sentarem, o que é rotineiro, elas aguardam do lado de fora do salão onde há também bancos distribuídos pelo espaço. Às segundas, terças e quartas-feiras no período vespertino, entre 14h e 16h horas, acontecem atendimentos individuais que são agendados pela mãe de santo da casa, de acordo com a demanda e urgência observada por ela. Às quintas-feiras é feita a limpeza e higienização do terreiro por alguns médiuns que se voluntariam, após esse serviço fazem a defumação do ambiente com uso de ervas naturais, esse seria o primeiro preparo para os trabalhos do dia seguinte. Aos sábados e domingos o terreiro permanece fechado, mas também é comum que pessoas procurem pela mãe de santo em sua casa que está situada na parte lateral do terreiro.

O Congá ou altar do terreiro, é composto por diferentes imagens, no degrau mais alto fica a imagem de Oxalá (o criador na Umbanda), Divino Pai Eterno (devoção católica à Santíssima Trindade), São Miguel Arcanjo (arcanjo da justiça na Umbanda) e de anjos que simbolizam o Anjo da Guarda (guardião do caminho). Na parte de baixo também está presente alguns santos católicos como Nossa Senhora da Aparecida, Santa Luzia, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio, Nossa Senhora da Conceição, São José, Santa Bárbara e Menino Jesus. Observa-se que no Congá central, principal altar religioso do terreiro, encontra-se apenas uma imagem do seguimento umbandista, que é a do orixá patrono do terreiro Ogum Beira Mar.

Figura 4 - Congá do Centro Espírita Vovó Maria Conga.



Fonte: MESQUITA, Amanda Diniz. Congá² do Centro Espírita Vovó Maria Conga. Catalão, 2024. Arquivo pessoal

Ao lado direito do Congá está outro altar dedicado à chefia da casa, Maria Conga das Almas, e a pedido dela, uma imagem de Nossa Senhora do Rosário. Há também uma cadeira onde a Mãe de Santo se senta durante as sessões, e mais duas cadeiras onde geralmente as suas filhas que estão auxiliando se sentam. Objetos como, um quadro de Maria Conga, um sino que anuncia sua chegada, um rosário, um crucifixo e um espelho em formato de sol que foi

exigência de entidades ciganas. No chão está a imagem de Rei Congo e seu ponto riscado (*assinatura da entidade*), também exigência de Maria Conga, filha de Rei Congo.

No contexto dos terreiros, é relevante destacar que é comum que as entidades espirituais, ao se manifestarem por meio dos médiuns, façam pedidos ou determinem ordens a serem cumpridas. Nesse sentido, Maria Conga, enquanto dirigente espiritual do terreiro, exercia a função de orientar os demais participantes da instituição, estabelecendo padrões de organização, estruturação do espaço, condução das sessões e outros aspectos relacionados ao funcionamento do terreiro.

Durante a vivência e observação no espaço religioso ao longo da pesquisa, questionei D. Maria Helena se esse tipo de comportamento se restringia às atividades internas do terreiro ou se também influenciava a condução de sua vida fora daquele contexto. Se esquivando ela afirmou que considerava Maria Conga sua conselheira, mas que as ordens por parte da entidade se limitavam ao ambiente religioso (Helena, 2023).

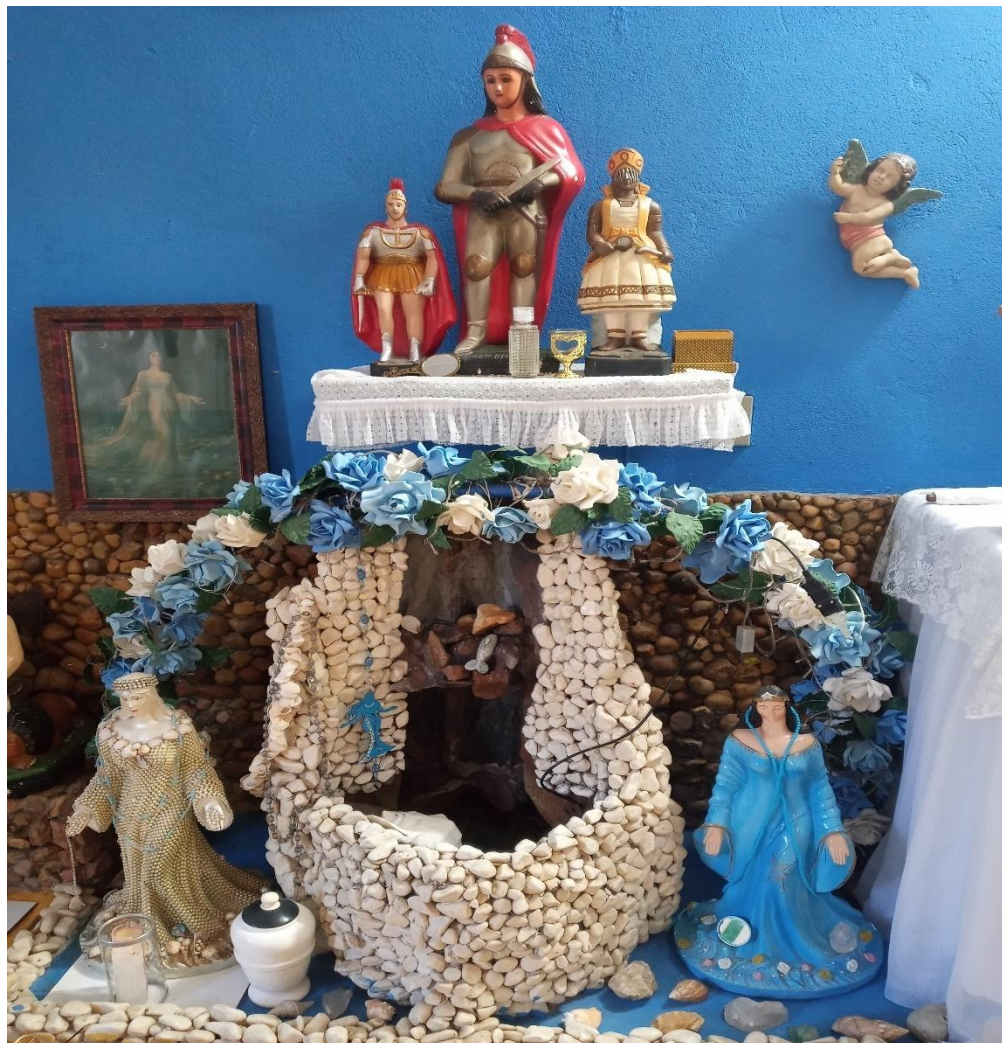
Figura 5 - Lateral esquerda do Congá do Centro Espírita Vovó Maria Conga onde, durante as sessões, permanece a mãe de santo.



Fonte: MESQUITA, Amanda Diniz. Centro Espírita Vovó Maria Conga. Catalão, 2024. Arquivo pessoal

Do lado esquerdo do Congá estão as imagens dos orixás Oxum, Ogum Beira Mar e Ogum de Ronda, esses são os orixás regentes da casa, o que significa que somente a Mãe de Santo pode recebê-los. Um quadro de Iemanjá e, logo abaixo, sua fonte que jorra água durante as sessões, com iluminação branca e azul, as cores que remetem a orixá. Há também duas imagens de Iemanjá, juntamente com cristais, conchas e uma quartinha (recipiente de barro) com água limpa.

Figura 6 - Lateral direita do Congá do Centro Espírita Vovó Maria Conga e fonte de Iemanjá.



Fonte: MESQUITA, Amanda Diniz. Centro Espírita Vovó Maria Conga. Catalão, 2024. Arquivo pessoal.

Ao lado da fonte de Iemanjá está um canto reservado, chamado de “firmeza”, para o orixá da justiça, Xangô. Sua quartinha (recipiente de barro) que é cuidada pela Mãe de Santo e um espaço destinado a velas e presentes.

Figura 7 - Espaço reservado a fiéis e filhos do orixá “Xangô” para que possam acender velas - Centro Espírita Vovó Maria Conga.



Fonte: MESQUITA, Amanda Diniz. Centro Espírita Vovó Maria Conga. Catalão, 2024. Arquivo pessoal.

Na mesa do Congá, fica o livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec* (Kardec, 1864), que é usado na abertura das sessões. A Mãe de Santo escolhe um médium para leitura, ele leva o evangelho fechado até ela para que possa abrir em uma página aleatória. O evangelho é composto por mensagens de caráter moralista.

Figura 9 - Espaço reservado a imagens de orixás, santos e alvarás do Centro Espírita Vovó Maria Conga.



Fonte: MESQUITA, Amanda Diniz. Centro Espírita Vovó Maria Conga. Catalão, 2024. Arquivo pessoal.

Na outra lateral, há banquinhos usados durante os trabalhos (*giras*) para sentar os médiuns que estão sob manifestação mediúnica de Pretos Velhos ou para que o consulente possa se sentar. Objetos de cangaceiros e caboclos pendurados na parede, usados quando algum médium recebe essas entidades.

Figura 10 - Espaço reservado a objetos sagrados e bancos usados durante as sessões do Centro Espírita Vovó Maria Conga.



Fonte: MESQUITA, Amanda Diniz. Centro Espírita Vovó Maria Conga. Catalão, 2024. Arquivo pessoal.

Num espaço situado no fundo do terreiro, há uma sala para os médiuns ficarem antes das sessões começarem, há uma mesinha com um caderno para registrar a frequência desses médiuns a cada trabalho. É uma regra particular da instituição que o médium não deve faltar a mais de três trabalhos, a não ser que seja por motivos maiores e justificáveis. Caso contrário, o médium poderá ser suspenso dos seus afazeres dentro da instituição.

Figura 11 - Sala destinada aos médiuns antes da abertura das sessões para que possam se organizarem.



Fonte: MESQUITA, Amanda Diniz. Centro Espírita Vovó Maria Conga. Catalão, 2024. Arquivo pessoal.

Dentro da sala dos médiuns há essa firmeza destinada a Ogum (*orixá da Umbanda*), sincretizado como São Jorge Guerreiro, aqui cada médium passa para fazer suas orações e pedidos antes das sessões iniciarem.

Figura 12 - Ponto riscado do orixá patrono da casa, Ogum. Juntamente com objetos sagrados exigidos pela liderança espiritual como espadas de metais, rochas, areia, planta Espada de São Jorge e quartinhas de barro e cerâmica com água.



Fonte: MESQUITA, Amanda Diniz. Centro Espírita Vovó Maria Conga. Catalão, 2024. Arquivo pessoal.

Dentro da sala dos médiuns, há uma porta que dá acesso à uma sala reservada, pequena, e destinada à outra chefia da casa, Tranca Rua das 7 Encruzilhadas. Seu ponto riscado (*assinatura da entidade*), quartinhas com água, cachaça, mel e azeite de dendê, velas que nunca podem ficar apagadas e são sempre repostas, e dois alguidares (*vasos de barro*) pequenos com padê (*farinha de mandioca com azeite de dendê*) e outra com uma mistura de ervas para defumação.

Figura 13 - Sala e ponto riscado do Exu liderança da instituição, Sr. Tranca Rua das Sete Encruzilhadas.



Fonte: MESQUITA, Amanda Diniz. Centro Espírita Vovó Maria Conga. Catalão, 2024. Arquivo pessoal.

D. Maria Helena se casou aos 18 anos de idade com seu finado esposo, do qual também se emociona ao lembrar. Para ela, ele foi um grande homem, à frente de seu tempo, falecido há cerca de 40 anos, depois disso nunca mais conseguiu se relacionar com outra pessoa. Seu companheiro era extremamente espírita e apaixonado pela linha de trabalho Kardecista do qual fazia parte. Ela diz que sempre respeitou as escolhas dele, mas que não tocavam nesse assunto em casa e se tratando de religião, cada um seguia a sua sem criticar um ao outro (Helena, 2023). É interessante observar como a Mãe Maria associa sua trajetória religiosa a relação marital, a participação do companheiro dela no processo de inserção na umbanda é destacada como decisiva, pois ela reforça recorrentemente seu papel de apoio e incentivo naquele momento de experimentação e abertura as novas práticas religiosas, diante das quais ela guardava reserva, receios e preconceitos. A aliança de Dona Maria com seu falecido esposo, pode ser tomada como espécie de analogia entre a junção da umbanda com o espiritismo na constituição do seu terreiro.

Logo após seu casamento ela ficou doente, mal-estar súbito, não conseguia se alimentar, dores, e os médicos não chegaram a um diagnóstico, pois aparentemente estava tudo bem. Uma

comadre, umbandista, a convida para conhecer um terreiro bastante conhecido em Catalão nesse período, conhecido como *Centro Espírita São Jorge*, para que as entidades fizessem nela um tratamento espiritual. Espantada e muito nervosa recusou o convite, aborrecendo a comadre e seu esposo que era adepto ao espiritismo de forma geral (Helena, 2023).

Ao longo da história, em diversas narrativas e abordagens, observa-se o costume das pessoas procurarem por ajuda espiritual ao enfrentarem algum tipo de problema de saúde. Seja por crenças de que o espiritual está diretamente ligado ao corpo físico, por práticas tradicionais de cura passadas de geração a geração, hábitos de promessas ou oferendas a deuses e santos, xamanismo e curandeiros, medicina religiosa trazida pelo espiritismo e, atualmente, através de uma abordagem holística.

Nessa mesma noite, D. Maria Helena conta que só se lembra até a parte em que se deitou na cama, pois a partir daquele momento teve sua primeira incorporação com a entidade pomba gira Menina. “Fia, três dias com a entidade, deitada, com os olhos abertos, sem me alimentar, sem tomar água e sem conversar com as pessoas com ninguém que entrava no quarto para me ver” (Helena, 2023).

As pombas giras são representações femininas de grande popularidade, vistas como símbolo de empoderamento nos terreiros. Chamam atenção com seu discurso de autonomia frente aos desafios que as mulheres enfrentam numa sociedade patriarcal. São entidades espirituais que incorporam simbolismos ligados à autonomia, à feminilidade, e ao enfrentamento de estruturas sociais, incluindo questões de gênero. Essas entidades desempenham um papel importante nos terreiros.

Dona Pombagira, que tem um lugar muito especial nas religiões afro-brasileiras, pode também ser encontradas nos espaços não-religiosos da cultura brasileira; nas novelas de televisão, no cinema, na música popular, nas conversas do dia a dia. Por influência kardecista na umbanda, Pombagira é o espírito de uma mulher (e não o orixá) que em vida teria sido uma prostituta ou cortesã, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro, e de toda sorte de prazeres (Prandi, 1996).

Ela conta que como forma de “castigo”, a entidade a deixou assistindo toda situação, mas que ela não conseguia corresponder aos comandos de seus pensamentos nem sair daquele estado. Após os três dias, a entidade deixou-a, ela conseguiu tomar banho e se alimentar, porém mais uma vez recusou o convite de sua comadre e durante a noite recebeu outra entidade. De caráter enfurecido, quebrando objetos da casa, teve de ser amarrada e assim permaneceu por mais uma noite e um dia, e ela afirma que essa entidade foi Tranca Rua das 7 Encruzilhadas.

“Fia, eu tive que ficar amarrada pra não quebrar a casa toda, eu não lembro de nada, meu finado ficou desesperado”¹.

Aqui, a D. Maria Helena fala de Exu, figura complexa e de grande destaque nas religiões de matrizes africanas. De forma geral, é o mensageiro entre orixás ou outras entidades e os homens. Alguns terreiros mencionam que esse papel seja devido sua natureza ser igual ou a mais fiel do homem, ora bom ora prejudicial. Conhecido também como símbolo de guardião de estradas e encruzilhadas, que seriam as escolhas e os caminhos que as pessoas trilham.

Exu é o Orixá mensageiro, guardião das casas, templos e cidades, astucioso, violento, irascível, grosseiro, vaidoso e por vezes indecente. Exu é um Orixá injustiçado pela fé judaico-cristã, pois passou a ser visto como o diabo ou demônio, no entanto, na visão dos iorubas não há diabo e o bem e o mal são complementares. (Azorli, 2023)

Segundo D. Maria Helena, após uma longa conversa com seu finado esposo, ela decide dar uma chance para o convite de sua comadre, mas primeiro se dirigiu a igreja que frequentava, acendeu uma vela e, aos prantos, rezou para que Deus a perdoasse e que ela recebesse um sinal de que poderia participar do espiritismo, e ela afirma ter visto sua imagem acenando em sinal de permissão. “Fia, eu vi Jesus Cristo de frente pra mim, aqueles olhos lindos, azul igual céu” (Helena, 2023). Emocionada, teve a certeza de que deveria ir, mas antes pediu que ela nunca sentisse vontade de fazer mal a alguém. Foi ao centro com sua comadre e esposo, e segundo ela o pai de santo da casa já sabia que receberia essa visita e lhe deu boas-vindas chamando-a de irmã de religião, mas não a convenceu muito.

D. Maria Helena se preocupa a todo instante em deixar claro que nunca teve envolvimento com “macumba”, que seu segmento sempre foi uma linhagem de Umbanda livre de atos por ela considerados impuros, porém característicos de religiões de matrizes africanas, como por exemplo, o sacrifício de animais². D. Maria Helena, assim como grande parte do senso comum, entende a palavra macumba como algo que prejudica outra pessoa, um ato praticado por alguém que espera como resposta o arruinamento do outro.

No discurso de D. Maria Helena é possível notar uma tentativa e/ou desejo de afastamento do seu seguimento religioso com o candomblé, evidente na forma como emprega

² O sacrifício ritual de animais é uma prática característica de algumas tradições do Candomblé e de determinados segmentos da Umbanda que incorporam elementos dessas tradições. No entanto, essa prática não é recorrente nem constitutiva da maioria das vertentes da Umbanda, especialmente aquelas mais influenciadas pelo espiritismo kardecista, que tendem a rejeitá-la. O equívoco de associar o sacrifício de animais a toda e qualquer manifestação religiosa de matriz africana está ancorado em estereótipos e preconceitos que desconsideram a complexidade e a diversidade interna dessas religiões (Prandi, 2005; Silva, 2005).

a palavra macumba, associada de forma estereotipada ao mau e às práticas consideradas como negativas e condenáveis. Em suas afirmações atrela sem reservas ao termo *macumba* uma carga de preconceitos e intolerância religiosa construídos historicamente contra as religiões de matriz africana.

Tal posição pode ser lida como uma estratégia usada pela Mãe Maria para afirmação do seu terreiro, uma espécie de embraquecimento necessário, ao menos no campo do discurso, para maior aceitação e adesão do terreiro na cidade. Ela intencionalmente se esforça para desvincular sua instituição religiosa dos principais estigmas associados as religiões de matriz africana por parte da sociedade brasileira ao longo da história, sobretudo no século XX dada a ascensão dessas religiões no Brasil, que intensificou preconceitos, intolerância e racismo religioso em forma de deletérias acusações e ações diversas como as batidas policiais. A postura de Mãe Maria foi se esquivar, reforçando a distinção do seu terreiro em relação aos outros, o que não a livrou completamente da perseguição, mas permitiu a sobrevivência da sua casa religiosa e sua projeção na cidade de Catalão.

Ao seu segmento, nomeou de “Umbanda Branca”, e passou todos os anos de sua trajetória religiosa preocupada em provar que seu espaço era puro, ou seja, “do bem” e que tinha como fundamento muitos dos ensinamentos católicos. Percebe-se que D. Maria Helena sempre prezou seu status social construído na cidade.

O ato de se desculpar perante um altar católico remonta aos preconceitos que acompanham a umbanda desde seu surgimento. Para adentrar em um espaço tido como impuro e não cristão, somente com a autorização de um local e uma figura realmente sagrada. Uma mulher de família católica, branca e preocupada em seguir os padrões impostos pela sociedade estava diante do que parece ser uma das escolhas mais difíceis de sua vida.

Quando Dona Maria decidiu ir para uma sessão, logo recebeu o Tranca Rua das 7 Encruzilhadas, o Exu pediu um litro de cachaça, e segundo ela, a entidade tomou a metade, quebrou o litro no chão e pisou em cima sem deixar um corte sequer em seu pé.

[...] Exu é o orixá da comunicação, da fala e o guardião dos caminhos, o senhor das encruzilhadas. Para os nagôs, ele é o orixá central da trama da vida e do sistema místico, pois é o princípio dinâmico do movimento. Exu é quem movimenta o axé e a própria vida no ayê (terra). Sem Exu não há movimento, sem movimento não há orixá e nem vida para os humanos. Exu é também o orixá mais controverso do panteão iorubá, seja pela sua proximidade com os humanos, seja pelo seu caráter tipicamente travesso, quase ‘infantil’ [...] (Neto, 2019).

Em outra semana ela recebeu pela primeira vez a entidade Maria Conga das Almas, que lhe passou mais tranquilidade e prometeu que cuidaria dela e que onde houvesse maldade ou “macumba”, como dizia, ali ela não ficaria. Nesse dia, o pai de santo da casa resolveu testar D. Maria Helena enquanto médium, com um ferro quente encostou em sua perna, mas para seu espanto ela continuou sentada sem reação. Segundo D. Maria Helena, para Maria Conga das Almas foi um fato triste, lamentou a ignorância de um branco que ainda usava os mesmos métodos punitivos da época da escravidão, dos quais sofrera. D. Maria Helena não durou muito nesse terreiro que ia contra o que havia pedido no início (Helena, 2023).

A experiência mediúnica de D. Maria Helena, ao receber pela primeira vez a entidade Maria Conga das Almas, ilustra não apenas o poder da incorporação espiritual, mas também a simbologia da figura da preta-velha como uma fonte de cuidado e proteção. Maria Conga representa uma linhagem de entidades espirituais que, oriundas das tradições afro-brasileiras, assumem o papel de cuidadoras e guias, promovendo uma ligação essencial entre o mundo material e o espiritual. A descrição de D. Maria Helena sobre a primeira aparição da entidade, caracterizada por uma presença calma e asseveradora, é emblemática do tipo de cuidado que essas entidades oferecem aos médiuns e consulentes.

No contexto das religiões afro-brasileiras, a preta-velha, como Maria Conga, é frequentemente associada à ancestralidade, à sabedoria e à experiência acumulada ao longo de severas vivências de opressão e resistência. A tranquilidade que Maria Conga transmite a D. Maria Helena, prometendo protegê-la de maldades e da “macumba”, não só reflete a função de conforto espiritual, mas também permite um espaço seguro para a afirmação da identidade religiosa de D. Maria Helena. Essa relação é fundamental para a mediunidade, uma vez que a conexão com entidades de auxílio pode proporcionar ao médium não apenas um senso de segurança, mas também a validação de suas experiências e práticas espirituais em um ambiente muitas vezes hostil à diversidade religiosa.

Além disso, o episódio em que D. Maria Helena é submetida a um “teste” físico, o uso de um ferro quente, uma prática vinculada a métodos anacrônicos de verificação mediúnica, revela as tensões entre a prática religiosa e a violência simbólica ligada à herança colonial. A reação calma de D. Maria Helena, que não demonstra dor, é um testemunho não apenas de sua conexão com a entidade, mas também uma crítica implícita às tradições que perpetuam a opressão. Assim, a figura de Maria Conga, enquanto presença espiritual, se torna um elemento de resiliência e reafirmação em sua trajetória, traçando uma linha direta entre o passado de sofrimento e a busca por um futuro de autonomia e respeito dentro da prática religiosa.

O conceito de "teste" despertou minha atenção durante a pesquisa, e, ao indagar sobre sua aplicação, percebi que essa prática de fiscalização era recorrente nos terreiros. Seu objetivo principal consistia em verificar se o médium estava, de fato, em processo de incorporação com a entidade espiritual. Caso o médium apresentasse alguma reação física durante a aplicação desses testes, os quais muitas vezes submetiam o corpo a estímulos considerados intensos e até violentos, isso indicaria que ele não estava completamente "arriado" — termo utilizado para descrever o estado pleno de incorporação. Por outro lado, a ausência de reações durante o teste era interpretada como um sinal de que o médium estava verdadeiramente "arriado" com a entidade, estando, portanto, apto a realizar atendimentos ao público (Helena, 2023).

Os pretos velhos são as entidades tidas como mais simpáticas e sábias dos terreiros. Para religião são espíritos de escravos que sofreram durante a escravidão no Brasil. Geralmente, em sessões que trabalham com essa entidade, usam-se cachimbos, cafés e ervas. O vocabulário, gestos e causos que os médiuns do terreiro incorporam também são fiéis a essa figura.

Nos estereótipos presentes no universo umbandista, o negro “fundamentalmente bom” é encarnado pelo preto-velho, o escravo que aceita com resignação sua condição. Em contrapartida, o negro “fundamentalmente mau” é representado pelos exus [...] (Capone, 2009).

Dona Maria Helena conta que morava em uma casa pequena, mas que mesmo assim apertaram o espaço para atender pessoas, não demorou muito, com a ajuda de políticos conseguiu construir um pequeno salão no fundo de sua casa. Sua comadre e esposo ajudavam durante os atendimentos e aos poucos foi se construindo uma corrente de médiuns para auxiliá-la. Segundo ela, esse espaço era composto por algumas cadeiras, uma mesa pequena com imagens de santos e uma fonte de Iemanjá (Helena, 2023).

D. Maria Helena se considera uma médium inconsciente, termo usado para pessoas que possuem mediunidade incontrolável, ou seja, não consegue sair do estágio de incorporação, dando às entidades passe livre para agirem da forma que acharem melhor. Nesse tipo de mediunidade, o médium não consegue ter controle de suas incorporações, se lembrar dos atos acometidos pela espiritualidade e nem do que foi dito aos consulentes. Segundo D. Maria Helena isso é raro e talvez nem exista mais, para ela desde que o homem começou a usar a mediunidade como forma de ganhar dinheiro ou tirar alguma vantagem, esses níveis de “mediunidade pura” foram se extinguindo (Helena, 2023).

Ao partir para o assunto família, nota-se em D. Maria Helena um desconforto, e ela abre-se dizendo que ao assumir a religião ficou rodeada apenas pelos seus filhos e que assim

permanece até os dias de hoje. Ao conversar com pessoas próximas pude compreender parte do motivo do afastamento, a maioria dos familiares são adeptos de religiões protestantes. Como exemplo dessa afirmação de afastamento, D. Maria Helena conta que sua família cuidou de uma menina mais nova que ela, em estado de abandono pelos pais biológicos, quando sua mãe faleceu ela continuou a cuidar da menina como se essa fosse sua própria filha. Porém, ao assumir a religião, ambas já adultas, essa sua irmã-filha teve alguns ataques de fúria, discussões e até mesmo vinganças de cunho espiritual como por exemplo, fazer trabalhos e oferendas na porta da casa de D. Maria Helena para que os atendimentos se encerrassem. Um pouco mais tarde, a irmã-filha adoece e falece, negando a ajuda e visita de D. Maria Helena (Helena, 2023).

Dos irmãos, duas ainda estão vivas, mas negam contato com ela e justificam que é por ela ser “macumbeira”. Os vizinhos também não frequentavam sua casa e negavam contato físico com D. Maria Helena, seu esposo e filhas (Helena, 2023).

Saindo um pouco do cenário familiar, D. Maria Helena conta uma história que veio em sua memória, quando um senhor ofereceu a ela a primeira quantia e uma fazenda com gados, para que ela fizesse seus trabalhos na zona rural, mas de forma cobrada e o lucro dos atendimentos seria dividido entre eles. O fazendeiro argumentou que seria tudo em prol “do bem”, ela aceitou o convite e foi fazer uma sessão em sua fazenda, mas ao abrir os trabalhos foi alertada através do gado berrando, que segundo ela, foram todos para frente da casa para não deixar os trabalhos acontecerem (Helena, 2023).

A Umbanda segue algumas condutas de moral, estipuladas pelos sacerdotes dos terreiros, onde não é de bom tom que se faça trabalhos cobrados e que os tornem sua fonte de renda, o princípio fundamental é a caridade. Porém as moedas de troca dentro da religião têm um significado simbólico desde que sejam ofertas de gratidão por algo alcançado.

Ao contar essas histórias, D. Maria Helena, reflete sua vida de decepções com as pessoas próximas e com os que a procuravam com interesses duvidosos. Ela faz questão de afirmar que dentro do seu centro nunca vai deixar que seus médiuns façam o que ela nunca fez, inclusive a matança de animais, prática comum no Candomblé. Através do exercício de passear pela memória, Dona Maria Helena, expõe parte de sua vida religiosa e de sua trajetória de lutas e resistência pelo sagrado.

“É verdade que, como Bastide (1971) já tinha percebido, que a umbanda recusa a África. Ao menos no momento de sua institucionalização, no momento em que busca uma normatização, suas lideranças encontram esteios no cristianismo e no kardecismo. Mas isso não significa que a África desapareça. Ela está nas palavras e nas práticas. Ainda mais, ela está nas narrativas que fazem a genealogia da nova religião, mesmo quando se trata apenas de um lugar de

passagem. E, no entanto, não é aí que a presença da África é mais forte nas construções umbandistas. Afinal, a umbanda não se pretendia um empreendimento de preservação ou de recuperação do passado. Seu olhar estava voltado para o presente, tempo de combater o mal 'que ainda domina o planeta'; e para o futuro, quando uma nação mais evoluída surgiria para a sua contribuição" (Oliveira, 2015)

Ao longo das entrevistas, como evidenciado no documentário, observa-se uma grande preocupação de D. Maria Helena em enfatizar que nunca teve envolvimento com o que ela descreve como "macumba". Sua narrativa emprega termos como "coisa atrapalhada" e "nunca sujei as mãos" para se referir a essas práticas, que considera pejorativamente como macumba. Essa postura pode ser explicada, possivelmente, por sua formação religiosa católica ou como uma estratégia de defesa e busca de aceitação social, legitimando seu sacerdócio como algo "puro" e desvinculado de práticas tradicionalmente associadas ao "mal". D. Maria Helena rejeita ser rotulada como alguém vinculada à macumba, associando essa categorização à discriminação que enfrentou ao longo de sua trajetória.

Em suas declarações, D. Maria Helena defende que sua instituição se diferencia de outras práticas religiosas afro-brasileiras, enfatizando que ali se cultua exclusivamente a "Umbanda Branca". Essa distinção é acompanhada por uma constante vigilância em relação aos médiuns colaboradores, com o objetivo de evitar desvios das normas que ela estabelece. A mãe de santo demonstra emoção ao relatar os conflitos e tensões gerados por atitudes que considera inadequadas dentro da instituição. Tais conflitos estão, em grande parte, relacionados ao perfil jovem dos médiuns, que frequentemente divergem dos pensamentos tradicionais defendidos por D. Maria Helena.

No documentário, D. Maria Helena utiliza as imagens para reforçar que sua instituição não possui raízes nem diretrizes vinculadas ao candomblé. A Umbanda praticada no terreiro apresenta fortes traços de sincretismo religioso, incorporando elementos do catolicismo e do kardecismo, o que, segundo ela, confere uma "pureza" distinta em relação a outros segmentos de matriz africana e até mesmo a outras casas de Umbanda. Ela reconhece que ter terreiros liderados por personalidades negras, associadas historicamente à escravidão, não representa um problema, pois acredita no conceito umbandista de doutrinação como um processo de purificação e evolução espiritual das entidades.

Outro ponto de destaque no documentário é o relato de D. Maria Helena sobre a nova liderança espiritual do terreiro, escolhida sob orientação de Maria Conga, preta-velha chefe da casa. Essa liderança foi atribuída a Vó Rita, descrita como "uma escrava que está no escuro", ou seja, uma entidade que busca evolução espiritual por meio do serviço religioso. Para D.

Maria Helena, essa nova liderança representou um desafio, pois, acostumada a seguir diretrizes impostas pela chefia anterior, passou a ter a responsabilidade de orientar e doutrinar a nova preta-velha.

D. Maria Helena, identificada como filha dos orixás Oxum e Ogum, patronos do terreiro, ocasionalmente se vestia em trajes específicos para o santo, utilizando cores que remetem a esses orixás. Entretanto, na maioria das sessões, exigia que todos os médiuns usassem vestimentas brancas, restringindo o uso de roupas coloridas ou chamativas, exceto em ocasiões festivas dedicadas a entidades como Exu e Pombagira, cujas vestimentas incluem tons de vermelho e preto.

Ao ser questionada sobre a principal entidade de sua vida e regente do terreiro, Dona Maria Helena sorri e diz:

pouco sei fia, ela não gosta muito de ficar batendo papo da vida dela, o que eu sei é o que os médiuns falavam aqui quando a casa ainda tinha um dia de estudo, de desenvolvimento... (suspiro) Maria Conga das Almas é fia de Rei Congo, da África, foi trazida pro Brasil naquela época que tinha escravos, ela veio novinha, eles eram vendidos fia, pra quem tinha dinheiro, uma tristeza. Eles falam que ela viveu no Rio de Janeiro, foi passando de mão em mão, daqueles que tinha mais dinheiro pra comprar, eles judiavam, batia, abusava... Na meia idade ela conseguiu ser livre, mas não tinha sossego, tinha que ajudar os outros escravos (Helena, 2023).

Percebe-se, através da narração de Dona Maria Helena, que a entidade, na condição de escravizada, teve um passado de sofrimento e não se sente confortável em falar sobre o assunto. O passado as vezes deixam marcas, que quando retomadas, nos levam a vivenciar emoções e questões sensíveis que ainda são difíceis e dolorosas. E essa análise nos faz comparar a atitude da entidade, a atitude de D. Maria Helena, quando ela não se sente confortável em contar sobre sua infância e adolescência. De acordo com Monique Rodrigues (2020)

Maria Conga é uma liderança que foi incorporada de muitas formas, desde a condição religiosa que a Umbanda reverencia por sua sabedoria das mulheres curandeiras, passando pela imagem da avó, preta velha, que carrega sua família através dos tempos com responsabilidade, sendo muitas vezes essa velha senhora provedora financeira e emocional de todos à sua volta, e sobretudo, pela personagem real que atravessa gerações contando e perpetuando a memória de determinada cultura (Rodrigues, 2020).

Essa colocação de Monique Rodrigues é pertinente com o que identificamos durante as reflexões sobre a trajetória de D. Maria Helena, como Mãe Maria. Apesar de não ser negra, compartilha algumas semelhanças, sobretudo em relação ao gênero, ela traz esse traço de uma

personalidade forte, mulher viúva com filhos que são dependentes dela emocionalmente e financeiramente. Uma de suas filhas é uma pessoa surda que sempre morou com ela, não teve acesso à escola, não se casou e é extremamente dependente de D. Maria Helena.

A representatividade de Maria Conga, como líder quilombola, é muito forte na Umbanda, para fazer um paralelo a outras religiões adeptas da cultura de santos, ela estaria próxima a alguém consagrada como santa. Segundo D. Maria Helena, Maria Conga viveu cerca de 90 anos de idade quando faleceu por causas naturais, ou seja, mais da metade de sua vida foi dedicada aos negros escravizados que eram foragidos (Helena, 2023).

Maria Conga é uma entidade respeitada e conhecida nacionalmente, sua vida foi marcada por lutas e pela força de uma líder feminina. E quando recebida nos terreiros continua mantendo seu legado de caráter protetor, semblante sério, pouca conversa, voz firme, mas trabalhando com curas físicas e psicológicas.

A memória intrínseca desses espaços, quilombolas, indígenas, das ocupações do campo, é nosso maior combustível de lembrança e ânimo em dias de total imersão na violência como tem sido esse tempo histórico. Vovó Maria Conga e o enfrentamento à opressão é a luta pela permanência da vida, mas é sobretudo, o combate às estruturas de morte que o Estado destina desde sempre ao povo preto” (Rodrigues, 2020).

D. Maria Helena demonstra grande confiança ao abordar seu desenvolvimento espiritual mediado pela figura da preta-velha Maria Conga, uma entidade profundamente respeitada tanto por ela quanto pelas pessoas de sua convivência. A presença espiritual de Maria Conga foi central ao longo da trajetória de D. Maria Helena, servindo como suporte e guia em momentos decisivos de sua jornada. Apesar de Maria Conga não ocupar mais a chefia espiritual do terreiro, em razão do processo de evolução de outra entidade, percebe-se que ela ainda representa um refúgio emocional e espiritual para D. Maria Helena.

A relação entre as duas é descrita com afeto e proximidade, como se Maria Conga desempenhasse o papel de conselheira, oferecendo auxílio nos momentos de necessidade. Em conversas informais, D. Maria Helena relatou que, sempre que enfrenta uma situação que exige orientação ou resolução imediata, ela se concentra na figura da preta-velha e sente sua presença ao lado, pronta para ajudá-la. Essa conexão reforça a importância de Maria Conga não apenas como entidade dirigente, mas como um símbolo de apoio contínuo em sua prática religiosa. Não por acaso ela é conhecida por muitos como Vó Conga.

Ao falar sobre a entidade Maria Conga, Dona Maria Helena achou importante mencionar outra liderança, que segundo ela, a acompanha desde quando a entidade da preta-

velha a iniciou. Essa outra entidade é um Exu, chamado de Tranca Rua das 7 Encruzilhadas. Antes de apresentar um pouco do que se sabe da história dessa entidade, é importante esclarecer dúvidas que permeiam esse outro lado da religião, “a linha da esquerda”. A Umbanda é dividida em duas linhas, ou controlada por dois pilares que devem estar em harmonia: entidades da direita e entidades da esquerda. A linha da direita é ocupada pelos orixás, pretos-velhos, caboclos, boiadeiros, baianos, erês etc. Já a esquerda, é composta por Exus e Pombagira. São campos de atuações diferentes e que não se misturam em dias de trabalhos (Helena, 2023).

Os Exus na Umbanda são considerados guardiões e responsáveis pela comunicação entre o homem e o plano espiritual. Ou seja, durante os trabalhos no terreiro Exu é reverenciado no início para que ocorra uma boa comunicação entre orixás ou entidades e médiuns, sem a intervenção de espíritos considerados atrasados ou que estão ali para atrapalhar o andamento da sessão. É uma figura forte da religião devido às várias facetas dadas a essa entidade que mais se aproxima da natureza do homem e tem como meta desenvolver em seus médiuns a disciplina (Ortiz, 1999).

Dona Maria Helena, sobre a entidade desse exu, narra

“Fia ele é muito sério, não gosta de conversar o que não é preciso. Eu só sei que já foi um homem de vícios, de muitas mulheres. Até pouco tempo nos trabalhos ele ainda precisava da energia da bebida, mas agora ele ganhou luz, não precisa de mais nada disso. Não usa nada de vício e ajuda a tirar os chegados dele dos vícios também. É um homem que me vigia dia e noite, e fica muito bravo quando eu tô triste. Esse vai me acompanhar até minha morte” (Helena, 2023).

Nesse campo de atuação da linha da esquerda, D. Maria conta também com uma entidade de Pombagira, que foi responsável pela sua primeira manifestação mediúnica, permanecendo com ela três dias, conforme mencionado anteriormente. E ao se lembrar dessa entidade, fica alguns instantes sorrindo e refletindo, segundo ela, sente saudade dessa entidade que preferiu ir trabalhar em outras casas:

Fia ela me largou, foi embora fazer o mal, ela não tem muita paciência e aqui é só caridade... Eu sei que ela foi sofrida, a mãe era da vida fácil, ela logo mocinha teve que ser também, a dona do cabaré colocava pra trabalhar durante o dia nos afazeres da casa e de noite com os homens. Ela muito rebelde arrumava pras outras fugir até que um dia a dona de lá matou ela [...] (Helena, 2023).

A convivência no terreiro permitiu observar que é comum as entidades espirituais tomarem decisões acerca de sua permanência nas sessões espirituais do espaço ou optarem por

atuar em outros locais. Esse movimento pode ocorrer em função de diversos fatores, como divergências de perspectivas, diferenças nos níveis de evolução dentro da esfera espiritual ou mesmo a percepção de não estarem preparadas para determinadas atividades. No contexto espiritual, as entidades estão em constante busca por graus mais elevados de evolução, contudo, possuem liberdade para fazer suas escolhas quanto aos caminhos e espaços em que desejam atuar.

Conhecidas pelas suas gargalhadas, uma linguagem grossa ou vulgar, exigem dos médiuns um preparo para recebê-las, pois são entidades vaidosas, que usam vestes que chamam atenção, cigarrilhas e taças são objetos indispensáveis. Das falanges de pomba giras, talvez a mais conhecida seja a de Maria Padilha, mas assim como os Exus, possuem diversas linhagens. Mulheres que deixam em evidência sua força e que não temem, principalmente, se do outro lado for homens. São imensamente procuradas para resolver problemas amorosos, sexuais, ou incômodos femininos, pois repassam às mulheres uma segurança naquilo que dizem e fazem. Ao falar sobre entidades como Exus e Pomba giras é importante mencionar que são os mais procurados pelos consulentes no intuito de que se resolva de forma rápida seus problemas ou anseios cotidianos.

Em suma, a trajetória de D. Maria Helena e o funcionamento do seu terreiro, o *Centro Espírita Vovó Maria Conga*, não apenas refletem a rica diversidade religiosa presente na cidade de Catalão, mas também evidenciam as complexidades e os desafios da intolerância religiosa enfrentados por indivíduos que praticam religiões de matriz africana. Os relatos de D. Maria Helena sobre sua experiência com a Umbanda, sua resistência à estigmas e preconceitos, e sua busca por reconhecimento social são testemunhos eloquentes da intersecção entre fé, cultura e identidade.

Ao longo dessa pesquisa, notamos que a vivência de D. Maria Helena serve como um importante recurso educativo, proporcionando uma base para discussões sobre a diversidade religiosa e a necessidade de respeito e compreensão em um ambiente escolar. A construção do seu terreiro como um espaço de acolhimento e espiritualidade é um exemplo significativo da capacidade de resiliência diante da intolerância.

Assim, o documentário pode ser utilizado em contextos educacionais formais e não formais, fomentando o debate sobre a relevância de uma educação que valoriza a pluralidade cultural e religiosa. Convidar os alunos a refletir sobre as realidades enfrentadas por líderes religiosos como D. Maria Helena pode ser um passo importante para o combate à intolerância religiosa e à promoção da empatia.

Por meio dessa reflexão, abre-se um caminho para que a educação religiosa nas escolas não só aborde a história e as práticas de diferentes crenças, mas também permita o desenvolvimento de um olhar crítico sobre desigualdades sociais e culturais, salientando a importância do diálogo e do respeito. Nesse âmbito, o legado de D. Maria Helena, continua a ressoar, desdobrando diálogos e debates futuros sobre a intolerância religiosa e seu impacto nas comunidades locais.

5 PROPOSTA PEDAGÓGICA

- Sugestão de Plano de aula:

Habilidades BNCC: (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos;

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço;

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos;

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

Disciplina: História.

Tema: Religiões afro-brasileiras.

Público- Alvo: Alunos da 3ª série do Ensino Médio.

Duração: 04 aulas de 50 minutos cada.

Objetivos:

- Compreender o surgimento das religiões afro-brasileiras e suas principais características;

- Reconhecer a importância cultural dessas religiões no Brasil e em Catalão;
- Fomentar debates e rodas de conversas sobre o respeito à diversidade religiosa e cultural;
- Entender mais sobre a cultura religiosa local e contextualização com as Congadas.

Materiais:

- Textos informativos sobre a temática, como: Letra impressa e áudio da música “Canto das três raças” na voz da cantora Clara Nunes e trechos do Livro “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus;
- Computador e projetor para exibição do documentário;
- Caderno, caneta, lousa e pincel.

Aula 01: Introdução as Religiões Afro-brasileiras.

Iniciar a aula com a turma em formato de roda fazendo uma abertura acerca do tema proposto e ouvir dos alunos o que sabem a respeito das religiões afro-brasileiras. No projetor, apresentar slides objetivos sobre as religiões de matrizes africanas, características gerais, escravidão no Brasil e abolição. A origem do Candomblé e da Umbanda, suas diferentes crenças e rituais e por fim, orixás. Finalizadas as explicações, ouvir as reflexões ou recolhê-las de forma escrita.

Aula 02: Documentário Mãe Maria.

Exibir o material audiovisual para a turma escolhida para realização das aulas. Ouvi-los ao final compartilhando experiências, inclusive a experiência de uma pesquisa local a fim de despertar nos alunos o entusiasmo para a pesquisa e para o ingresso nas licenciaturas ofertadas na cidade.

Aula 03: Identidade e Cultura no combate da intolerância religiosa.

A cada conteúdo novo introduzido ressalta-se a importância de uma breve revisão antes de dar andamento ao assunto, para isso será reservado alguns minutos. Em seguida, dividir as turmas em grupos de estudos para o tema: Religiões e Culturas Afro-brasileiras. O intuito é que os alunos dominem, mesmo que de forma geral, o assunto e promovam entre si um diálogo de informações, compreensões e tirem dúvidas. Ao final, propor que montem uma aula para outra

turma. Dividam os assuntos dentro do mesmo tema e tenham a autonomia de montar uma aula para ser ministrada na próxima semana para outra turma, a partir do que já lhes foram orientados, da exibição do documentário e das reflexões feitas.

Aula 04: Sala de aula invertida: acolhimento e educação.

Organizar a turma para que possam fazer a apresentação de suas aulas, criada por eles, para as outras turmas escolhidas. O intuito é que seja abordado assuntos diferentes como: cultura, religião, congadas, culinária etc. Abrir um espaço para debate entre os alunos ao final.

Avaliação:

- Participação nas discussões;
- Reflexões escritas ou verbalizadas ao final das aulas, expressando seu ponto de vista sobre o que foi abordado;
- Participação nas propostas;
- Participação na aula audiovisual.

- Folder pedagógico para o documentário:



OBJETIVO GERAL DO MATERIAL

Este documentário visa auxiliar professores na abordagem da diversidade religiosa, em especial da Umbanda, e promover o reconhecimento do valor histórico-cultural das religiões afro-brasileiras, articulando o conteúdo curricular à realidade local.

SOBRE O DOCUMENTÁRIO

O documentário aborda a trajetória religiosa de Dona Maria Helena, mãe de santo tradicional de Catalão-GO, fundadora do Terreiro de Umbanda Vovó Maria Conga e Caboclo Sete Flechas. Sua história revela o papel das lideranças femininas na preservação da cultura afro-brasileira, além de iluminar aspectos do sincretismo e da resistência religiosa no interior do Brasil.

Como utilizar o documentário em sala de aula?

Etapa 1 - Apresentação do Tema

Inicie com uma conversa informal sobre o que os alunos sabem sobre religiões afro-brasileiras. Utilize slides ou textos breves para introduzir Umbanda e Candomblé, destacando origens africanas, escravidão e sincretismo religioso. Dê espaço para escuta e dúvidas, incentivando o respeito às crenças diferentes.

Etapa 2 - Exibição do Documentário

Reserve uma aula de 50 minutos para exibição do vídeo. Prepare perguntas norteadoras para guiar a escuta: O que te chamou mais atenção na história de Mãe Maria? Como ela resistiu às dificuldades sendo uma líder religiosa?

Etapa 3 - Atividades pós-exibição

Promova um debate ou peça reflexões escritas. Organize uma roda de conversa sobre respeito, intolerância religiosa e valorização da cultura afro-brasileira. Incentive os alunos a pesquisarem sobre práticas culturais da cidade que se conectam à religião, como as Congadas.

HABILIDADES DA BNCC

EM13CHS102 - Análise crítica de conceitos como racismo, etnocentrismo e exclusão social.

EM13CHS104 - Valorização de práticas culturais e religiosas como parte do patrimônio imaterial local.

EM13CHS503 - Discussão sobre formas de violência simbólica, como a intolerância religiosa.

EM13CHS601 - Reconhecimento do protagonismo das populações afrodescendentes na construção da sociedade brasileira.

MATERIAIS DE APOIO

Letra e áudio da música - **Canto das Três Raças** (Clara Nunes).

Trechos do livro **Quarto de Despejo** (Carolina Maria de Jesus).

Relatório e glossário do documentário.

- Glossário pedagógico para o documentário:

GLOSSÁRIO PEDAGÓGICO PARA O DOCUMENTÁRIO

Arriado: Termo antigo usado para se referir ao momento em que o médium recebia o santo ou a entidade, indicando a preparação para a incorporação.

Atabaque: Instrumento de percussão (tipo de tambor) utilizado nos rituais de Umbanda, Candomblé e outras religiões afro-brasileiras para chamar ou saudar os espíritos.

Candomblé: Religião afro-brasileira de origem iorubá, que cultua os orixás por meio de rituais, danças, comidas sagradas e cânticos em línguas africanas.

Congá: Espaço sagrado montado com imagens, velas e símbolos religiosos, destinado à comunicação com os guias e entidades espirituais.

Dia de Virada: Momento ou ritual específico em que se trabalha com entidades da “linha de esquerda”, como Exus e Pombagiras, voltadas para a resolução de conflitos e a defesa espiritual.

Doutrina: No documentário, refere-se ao trabalho de orientação espiritual dos médiuns, feito por líderes religiosos, em específico, seu esposo, para disciplinar a prática mediúnica conforme os princípios da casa espiritual.

Encruza: Abreviação de “encruzilhada”, local considerado de grande força espiritual, usado em rituais de Exus e Pombagiras.

Entidade: Espíritos que atuam como guias ou protetores em cultos afro-brasileiros. Podem se manifestar para orientar, curar ou aconselhar.

Escrava: Termo utilizado pelas entidades de Pretas (os) Velhas (os) para se autodefinir, relacionado à memória da experiência da escravidão no Brasil. Atualmente, recomenda-se o uso do termo “escravizada”, pois enfatiza que a condição foi imposta e não natural. No documentário, o termo “escrava” é utilizado tanto pela entidade quanto por Dona Maria, a líder religiosa entrevistada, que reproduz essa expressão conforme aprendeu em sua vivência religiosa e cultural, sem conhecimento das discussões linguísticas mais recentes sobre o tema.

Cabe destacar que, enquanto entrevistadora, respeitei a fala e a forma de expressão da entrevistada, compreendendo que não caberia a mim corrigir, mas sim adaptar-me à sua linguagem e contexto cultural.

Incorporação: Fenômeno mediúnico em que o espírito se manifesta por meio do corpo de um médium, falando, gesticulando ou transmitindo mensagens.

Kardecista: Pessoa adepta do Espiritismo codificado por Allan Kardec, que enfatiza a comunicação com os espíritos em bases racionais, filosóficas e científicas.

Linhagem: No documentário, o termo refere-se à sucessão espiritual dentro da tradição religiosa, especialmente relacionada à sequência de entidades Maria Conga que a líder religiosa recebe.

Macumba: Termo utilizado popularmente para se referir de maneira genérica ou pejorativa a práticas de religiões de matriz africana. No documentário, a líder religiosa afirma que não aceitava a “macumba” como religião ou prática legítima, refletindo desconhecimento ou preconceito comum em seu contexto social e de época.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, desde o princípio, representou muito para mim. O campo religioso sempre me chamou atenção desde a graduação. Analisar diferentes espaços, discursos, rituais, formas de atuações e perpetuações dentro de uma mesma vertente religiosa é instigante. Uma das vontades de D. Maria Helena também é que a Universidade busque entender aquilo que nem ela diz ter compreendido bem, ou seja, sua trajetória e principalmente o desfecho dela.

D. Maria Helena, assim como qualquer idosa em sua faixa etária, enfrenta limitações físicas, psicológicas e imposições médicas, as quais resultam, consequentemente, em restrições impostas pela família. A figura de liderança e matriarca que, anteriormente, coordenava todas as questões relacionadas ao terreiro, vê-se agora relegada a um papel secundário, com novas regras sendo impostas pelos filhos, que, alegando ter a melhor decisão, contradizem o "fim" que D. Maria Helena havia idealizado para sua trajetória.

A pesquisa ocorreu paralelamente ao desfecho de sua trajetória religiosa, assumindo a forma de uma narrativa que encerra um ciclo e registra as memórias de sua jornada. O que parece ter proporcionado um certo grau de conforto à D. Maria Helena nesse processo, foi a possibilidade de compartilhar sua história que, para ela, não poderia ser apagada. Sobre o que concordamos considerando a relevância de sua atuação no âmbito religioso e sua experiência de marginalização e discriminação. Portanto, o documentário se configura como uma forma de trazer para a reflexão histórica sua biografia religiosa.

A resistência familiar dos últimos meses impactou diretamente meu planejamento de pesquisa. Pela minha perspectiva e vivência, acredito que as redes de parentesco e a sucessão religiosa são os maiores geradores de conflitos dentro de um terreiro. A incerteza do porvir e a quebra da rotina refletiram no equilíbrio e sustento da instituição, antes consolidados, mas agora fragilizados diante de tal situação.

Ao analisar esse contexto histórico temos uma cidade como cenário propício ao estudo do sincretismo afro-brasileiro. A Umbanda é a religião que uso como base por seu notório crescimento não somente na cidade, mas em todo Brasil. A Umbanda é uma religião brasileira que agrega a cultura afro, teve suas principais características determinadas devido às condições históricas que o Brasil estava passando no período colonial. Nações africanas começaram a se reunir reelaborando crenças que eram baseadas no cristianismo e na cultura indígena. Para Vagner Gonçalves da Silva, antropólogo e pesquisador da cultura afro-brasileira, o encontro dessas crenças foi o que permitiu sua sobrevivência até hoje.

Além de se trabalhar a pesquisa bibliográfica e a construção de um material audiovisual, é cabível ressaltar a importância das memórias da vivência de uma pessoa que presenciou a maioria dos fatos históricos do século XX, como imagem de resistência feminina e religiosa. Cada memória citada foi explorada de forma respeitosa, mas trazendo o máximo de conhecimento que nos aproxime de cada situação enfrentada ao longo de sua jornada.

Para a Umbanda, especificamente, o século XX foi um momento crucial de consolidação e expansão. A religião surge no início do século como uma resposta aos desafios da modernidade e à necessidade de reelaborar elementos das tradições africanas em diálogo com o catolicismo, o espiritismo kardecista e as práticas indígenas. Esse período também foi marcado por intensas perseguições às práticas afro-brasileiras. Apesar disso, a Umbanda conseguiu adaptar-se, ganhar legitimidade social e expandir sua influência para diferentes camadas da população urbana.

Nesse contexto, a memória de D. Maria Helena, que viveu e resistiu durante o século XX, carrega grande valor histórico. Ela testemunhou mudanças que transformaram a percepção das religiões afro-brasileiras na sociedade brasileira. Sua vivência é uma expressão da resistência feminina em espaços religiosos, frequentemente marcados por hierarquias de gênero e das estratégias de sobrevivência e adaptação cultural em um ambiente de repressão e preconceito. Assim, suas narrativas não apenas iluminam as transformações da Umbanda, mas também revelam como as mulheres desempenharam papéis centrais na preservação e transmissão dessas tradições.

A experiência de D. Maria Helena e de seus seguidores ilustra como a Umbanda, muitas vezes vista com preconceito e incompreensão, se torna um espaço de resistência frente à intolerância religiosa. Suas memórias podem revelar como o terreiro serviu como um refúgio para aqueles que buscavam uma prática religiosa livre de discriminação, além de expor os desafios enfrentados ao longo dos anos pela religiosidade de matriz africana.

A trajetória de D. Maria Helena também reflete as complexas relações entre as tradições afro-brasileiras e o catolicismo, bem como as estratégias de adaptação das práticas religiosas em face das imposições externas. O sincretismo, muitas vezes necessário para a preservação de rituais e crenças, pode ser explorado nas memórias da líder religiosa, mostrando como a Umbanda que ela liderava era uma síntese de influências católicas, kardecistas e africanas, com o objetivo de torná-la mais aceita pela sociedade, ao mesmo tempo em que preservava suas raízes.

D. Maria Helena, ao longo de sua liderança no terreiro, também se tornou uma guardiã da cultura afro-brasileira, não apenas nas práticas religiosas, mas nas formas de vida e nos

saberes transmitidos dentro do contexto do terreiro. Suas memórias podem expressar o papel do terreiro como um espaço de preservação da história e da cultura afro-brasileira, transmitindo a riqueza das tradições e valores que são fundamentais para a identidade de uma comunidade.

O engajamento político de D. Maria Helena, embora não necessariamente visível nas esferas partidárias tradicionais, pode ser refletido na maneira como o terreiro funcionava como um espaço de luta por direitos, reconhecimento e dignidade.

A cultura afro-brasileira, como objeto de estudo das ciências humanas permite não só a análise, mas também a desconstrução do preconceito contra as religiões de matriz africana. Sendo assim, o documentário seguido de seu relatório, tem o potencial de através das memórias e das vivências relatadas por D. Maria Helena e seus adeptos, ajudar a esclarecer os princípios da Umbanda, que frequentemente são mal interpretados ou distorcidos por visões preconceituosas. Mostra ainda as contradições e dilemas dessa vertente religiosa.

Ao explorar a trajetória de D. Maria Helena enquanto líder religiosa, a pesquisa pode destacar o importante papel das religiões de matriz africana na preservação da cultura afro-brasileira e na resistência contra o racismo e a marginalização. Reforçando a identidade de uma parcela significativa da população brasileira e, ao mesmo tempo, mostrar a riqueza cultural e histórica presente nessas práticas religiosas.

Ao incluir as experiências de quem vive a religião de matriz africana de forma próxima e pessoal, a pesquisa pode abrir espaços para o diálogo entre diferentes crenças religiosas, principalmente no espaço escolar, como forma de ampliar o conhecimento e minimizar preconceitos. Esse intercâmbio de ideias pode contribuir para a construção de um entendimento mais plural e respeitoso da religiosidade no Brasil.

O intuito é transformar a pesquisa e o produto final numa ferramenta educativa, seja no âmbito acadêmico ou em ambientes escolares, auxiliando na construção de uma sociedade mais aberta ao conhecimento sobre a diversidade religiosa. Ao abordar questões que envolvem trajetórias de luta pelo sagrado, sincretismo e a dinâmica dos terreiros, o anseio é contribuir para a formação de uma visão mais ampla sobre as religiões afro-brasileiras, combatendo a ignorância que perpetua o preconceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação de da Pedagogia: Geral e Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

AZORLI, D. (2023). Do que riem as Pombagiras. In. *Educação Em Revista*, 24, e023016. <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2023.v24.e023016>

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil.** São Paulo: Pioneiro, 1971.

BASTOS, Ivana Silva. **Mulheres Iabás: Sexualidade, transgressão no candomblé.** João Pessoa: UFPB, 2011.

BENJAMIN, Walter. “**A imagem de Proust**” e “**Teses sobre o conceito de história**”. In: Obras escolhidas I. São Paulo, Brasiliense 1986.

BENJAMIN, Walter. **História e Narração.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre, RS. Editora Zouk, 2006.

BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: < [http:// portal. mec. gov. br/ arquivos/pdf/ldb.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BRASIL. Projeto História. São Paulo, v.1, 1981 / v.19, 1999.

BRASIL . Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: 1997. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

COSTA, Flamarion Laba da. **Demônios e anjos: o embate entre espíritas e católicos na República Brasileira até a década de 60 do século XX.** 271 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

FERRETTI, Sérgio. **Repensando o Sincretismo.** 2 ed. São Paulo: Edusp, 1995.

FONTENELE, Aluizio. O Espiritismo no conceito das religiões e a Lei de Umbanda. 3 ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1960. In. **Fronteiras.** v. 7. N. 1, pp. 05-09, Jan/Jun 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em W. Benjamin.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)**. Bauru, SP: EDUSC/Belo Horizonte, MG: EDUFU, 2004.

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JOHNSON, Paul (org.), 2014, **Spirited Things: The Work of “Possession” in Black Atlantic Religions**. Chicago, The University of Chicago Press, 334 pp.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos sagrados e profanos do Congado na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO - 1940/2003)**. 2009. 257 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

LAPLANTINE, François; AUBRÉE, Marion. **A mesa, o Livro e os Espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. 1 ed. Universidade Federal de Alagoas: UFAL, 2009.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre a escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: USP, 2000.

LIMA, Élide Regina Silva. **Mulheres do Axé: A liderança feminina nos terreiros de candomblé. Perspectivas feministas de gênero: 18º Redor**, p. 01-10, Recife PE, Novembro, 2014.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil**. Tese [Doutorado em Antropologia Social] – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988

MALINOWSKI, Bronislaw, 1988 [1916], “**Baloma: os espíritos dos mortos nas ilhas Trobriand**”, em B. Malinowski, *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa, Edições 70.

MESQUITA, Amanda. **Ritual, Redes de parentesco e Conflitos dentro de um terreiro de Umbanda em Catalão Goiás**. TCC (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2018.

NABUCO, Joaquim. **Minha Formação**. Brasília: UnB, 1998

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Welliton dos Reis. **Da Congada Catalana do Catupé Amarelo no Facebook: uma análise dialógica do enunciado verbocovisual**. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 2017.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.

NETO, J. A. dos R. (2019). **A Pedagogia de Exu: educar para resistir e (r)existir**. *Revista Calundu*, 3(2), 25. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v3i2.27476>

OLIVEIRA, Nathália Fernandes de. **A repressão policial às religiões de matriz afro-brasileiras no Estado Novo (1937-1945)**. 2015. 173 f. Tese de Mestrado em História Social - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões negras do Brasil – Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros**. N.28. Povo negro 300 anos. São Paulo: USP, 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das. Letras, 2003.

RAMIREZ, Paulo Niccoli. A memória e a infância em Marcel Proust e Walter Benjamin. In. **Revista Aurora**: 10, p. 01-16, 2011.

RICOEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento**. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Monique. **Herança Quilombola: Maria Conga em Magé**. Dmjracial, 2020. Disponível em: <https://dmjracial.com/2020/05/30/heranca-quilombola-maria-conga-em-mage-baixada-fluminense/> Acesso em 20 de junho de 2023.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **A Igreja e a construção do Estado no Brasil imperial**. In: Anais do XVII Simpósio Nacional da ANPUH. Natal, 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. Rio de Janeiro: Selo Negro, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2000.

VELHO, Yvonne Maggie Alves. **Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

VILLAS, Maria Helena Boas Concone. **Memória e crítica dos envolvimento políticos e das relações entre a Umbanda e a Igreja Católica**. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 7, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12173>. Acesso em: janeiro de 2025.